

## 2 Contextualizando a pulsão

A teoria das pulsões é, por assim dizer, nossa mitologia. As pulsões são entidades míticas, magníficas em sua imprecisão. Em nosso trabalho, não podemos desprezá-las, nem por um só momento, de vez que nunca estamos seguros de as estarmos vendo claramente. (...) Sempre se nos impôs a suspeita de que, por trás de todas essas pequenas pulsões *ad hoc*, escondia-se algo sério e poderoso, do qual gostaríamos de nos aproximar com cautela (Freud).

### 2.1 A origem do termo *Trieb*

Nenhuma outra língua é tão concreta e espacial como o alemão, afirma Goldschmidt (1988), “o alemão é precisamente incapaz de qualquer abstração” (p.16). De fato, o alemão é essencialmente popular<sup>8</sup> e a maioria de seus termos abstratos foi tomada de empréstimo de outras línguas, como o francês, por exemplo. Por conta dessa característica, na língua de Freud, diferentemente do francês e do português, nos quais abundam raízes gregas e latinas, o acesso ao que está sendo dito é imediato. Contudo, “o que é particular em uma língua é justamente o que não o é na outra” (Goldschmidt, 1988, p. 55) e, desse modo, as traduções nem sempre logram alcançar a amplitude de significado e de uso originalmente presentes, e *Trieb* é um desses conceitos que sofreu a ‘traição’ da tradução. Mas há males que vêm para o bem e, se muitos mal-entendidos decorreram desses ‘desvios’, também surgiram alternativas que, mesmo não tão fiéis ao sentido original, apontaram para novos caminhos e possibilidades interpretativas. Nesses casos, a tradução é também recriação.

De origem germânica e de uso corrente no alemão, *Trieb* é um termo polissêmico, de sentido muito amplo, referindo-se a todos os tipos de motivação humana. Embora seu primeiro emprego na psicanálise tenha sido em 1905, nos *Três ensaios*, a palavra possui uma história bem mais antiga e seu uso na língua alemã datava de séculos, quando Freud a transformou na base de sua metapsicologia. Muito antes de fazer sua entrada na filosofia e na psicanálise, portanto, o substantivo *Trieb* e o verbo *treiben* eram empregados na linguagem cotidiana e em contextos variados como na botânica, na caça e na física.

No *Deutsches Wörterbuch*, dicionário de Jacob e Wilhelm Grimm, conhecidos mais pelos contos infantis do que pelo trabalho como filólogos, os

---

<sup>8</sup> *Deutsch* é uma palavra antiga que significa popular. Cf. Goldschmidt, 1988, p.30.

irmãos destacam diversos exemplos de uso da palavra *Trieb* no alemão. Hanns resumiu o extenso verbete:

- Designa a ação de Treiben (tocar, tanger) o gado, bem como a atividade de tocar animais que estão sendo caçados.
- Na linguagem literária e filosófica do século XVI, aparece na acepção de propulsor externo, significando “estímulo” (*Reiz*), ou no sentido de “compulsão/coerção” (*Zwang*), ou ainda como um princípio maior (*Instinctus Divinus*), referindo-se em geral a elementos que são internalizados. Também é empregado na acepção de objetivo, motivo, algo que estimula e impele. Uma motivação externa ou interna (espontânea).
- Tem o sentido de processo mecânico transitivo e intransitivo, designando o empurrar, a propulsão (freqüentemente referindo-se à força de propulsão da água); também aparece na técnica de artilharia como sinônimo de tiro, ou ainda como sinônimo de força que impele o tiro. Designa ainda a força motriz da máquina e do vento.
- Em botânica, o termo se refere à força orgânica que faz brotar, remete à imagem de força dos seres vivos em geral, expressa o *Drängen* (pressionar/ansiar) inerente aos seres vivos, o qual promove a saída de dentro para fora.
- Num uso bastante incomum é encontrado também no sentido de forte influência ou tortura (*quälten, plagen, Peinigung*) [DW, 2-c, 438].
- Na acepção de força motriz interna aparece como *Drang* (ânsia, vontade, pressão, necessidade), *Lust* (prazer-vontade) e *Energie* (energia). Pode referir-se a uma força interna indefinida que tem efeito em geral espontâneo. Pode ter o sentido de um *Drang* (ânsia, pressão) com um objetivo definido. Também é empregado como significando temperamento forte ou tenacidade.
- Na filosofia e na psicologia do século XVIII, tem o sentido de *instinct* e designa as moções (*Regungen*) primitivas e naturais. Também é empregado em composição com outros termos para nomear instintos específicos (*ÄußerungsTrieb*, instinto de expressar; *NachahmungsTrieb*, instinto de imitar etc.).
- Na literatura e na poesia aparece em conexão com o amor e a sensualidade (Hanns, 1996, pp.340-41).

Nem todas essas definições se encontram ainda em uso, mas, de todo modo, fica claro que as idéias de movimento, de crescimento, de força impelente e de energia são as mais evocadas. Essas idéias formam um núcleo básico de sentido em torno do qual, de acordo com Hanns (1999), gravitam os significados mais comuns de *Trieb* encontrados atualmente: algo que propulsiona, põe em movimento, toca para frente, e não deixa parar. Assim, ele destaca os seguintes significados ligados a esse núcleo básico:

- 1- Força interna que impele ininterruptamente para a ação, ímpeto perene (também utilizado como verbo). *Sentia um ímpeto de viver, de viajar, de conhecer novas terras e pessoas.*
- 2- Tendência, inclinação. Ele segue cegamente suas inclinações, sem respeitar nada e ninguém.
- 3- Instinto, força inata de origem biológica dirigida a certas finalidades. *A criança tem um instinto de mamar.*
- 4- Ânسيا, impulso no sentido de algo que toma o sujeito, vontade intensa (também utilizado como verbo). *O assassino sentiu um impulso (ânsia) de matar. (...)*
- 5- Broto, rebento (vegetais). Designa na botânica, o broto que nasce do caule (também utilizado como verbo). *Um novo broto apareceu esta semana* (p.29-30).

Hanns (1999) também especifica que, a partir de seu uso no alemão, a

manifestação de *Trieb* pode ser esquematizada em quatro momentos entrelaçados, do geral ao singular, como exemplificado no quadro abaixo: 1) de forma genérica, como uma grande força que impele ou Princípio da Natureza; 2) como uma força que se manifesta biologicamente, pondo em ação os seres de cada espécie; 3) como brotando *no* indivíduo, enquanto fenômeno somático-energético; e 4) algo que se manifesta *para* o indivíduo, percebido como um imperativo pessoal, como fenômeno psíquico que leva à ação.

DIMENSÕES ONDE SE MANIFESTA <sup>9</sup>			
Na Natureza em Geral	Nas Espécies Biológicas	No Indivíduo da Espécie	Para o Indivíduo da Cultura
FORMAS DE MANIFESTAÇÃO			
Grande Força que Impele	Instintos ou Disposições	Estímulos ou Impulsos Nervosos	Imagem Interna, Impulso, Idéia, Representação, Afeto, Tendência, Necessidade, Vontade
CAMPOS DE MANIFESTAÇÃO			
Sentido (metafísica e filosofia da biologia)	Finalidade (paradigma biológico)	Fisiologia (visão neuroanatômica)	Mundo Psíquico (psicologia)

Como acontece com muitos termos em alemão, *Trieb* pode designar dois momentos diferentes de uma mesma ação, o momento em que a fonte externa toca o sujeito e o momento em que o efeito desse contato é percebido internamente. Além disso, *Trieb* pode ser usado tanto para referir-se ao conjunto como para designar um dos elementos isolados. Nesse caso, dependendo da dimensão e da forma de manifestação da força impelente a que o falante alemão esteja se referindo, seu interlocutor atribuirá o significado de *Trieb* a um elemento ou a um conjunto de elementos.

Muitas vezes *Trieb* também é usado como sinônimo de desejo, palavra que, aliás, segundo Goldschmidt (1988, p.78), é intraduzível para o alemão. Embora os dois termos sejam muito mais próximos entre si do que *Trieb* é da palavra instinto, o desejo se insere em um movimento diferente do de *Trieb*. Em relação ao desejo, seria mais correto dizer que ele atrai e não que impele e avança. O desejo também traz consigo, de alguma forma, o objeto, enquanto que o *Trieb* é uma força independente do que encontra em seu caminho. Portanto, é importante precisar:

Enquanto base não-volitiva e categórica, o *Trieb* pode tanto assumir a forma de um 'instinto' quanto de um 'querer'. *Situa-se, pois, anteriormente a ambos*. É algo

<sup>9</sup> Hanns, 1999, p.33.

genérico e impessoal, maior que o sujeito isolado, algo atemporal. *O Trieb simplesmente existe*; tal qual o ‘impulso de respirar’, ele é a ‘base do próprio querer’, a base a partir da qual se gera a necessidade, a ânsia, a vontade, o querer e o desejo. Não é de imediato percebido como torturante ou desagradável, torna-se torturante se não o realizamos (ou não o satisfazemos) – por exemplo, não respirar, não comer etc. (Hanns, 1996, pp.339-40, grifos meus).

Na tentativa de cobrir o sentido de algo que impulsiona o sujeito de dentro e que o faz avançar, *Trieb* foi traduzido em francês por *pulsion*<sup>10</sup>, um termo artificial e pedante, distante da acepção simples e popular que possui no alemão. Enquanto *Trieb* faz parte do vocabulário de qualquer criança alemã, *pulsion* é um termo um tanto abstrato. Apesar disso, trata-se de uma alternativa mais interessante, quando comparada a outras. Como se sabe, uma das grandes polêmicas em torno deste conceito está em sua restrição a somente uma de suas possibilidades semânticas, enquanto sinônimo de instinto, questão que remonta à tradução das obras completas de Freud do alemão para o inglês, feita por Strachey. Para o editor das obras completas, os diversos ataques e críticas feitos à sua opção de tradução de *Trieb* por *instinct*, e não por *drive* (impulso), seriam equivocados por dois motivos: o fato de *drive*, quando usado nesse sentido de impulso, não ser, ao menos na época da tradução, uma palavra inglesa, e também pela dificuldade de se encontrar uma forma adjetiva para este vocábulo.

Esse uso da palavra *drive* não é encontrado no grande dicionário Oxford, nem no seu primeiro suplemento de 1933 (embora este fosse suficientemente atualizado para incluir ‘*cathexis*’). E também não se encontra em nenhum dos compêndios de psicologia de língua inglesa (Strachey, 1966, p.31).

Ainda de acordo com Strachey (1966, p.32), a única complicação residia no fato de o próprio Freud usar, numa meia dúzia de casos, a palavra alemã ‘*Instinkt*’ no sentido de instinto animal e, quando isso ocorreu, Strachey considerou suficiente chamar a atenção para o fato mediante nota de rodapé. Segundo Hanns (1999), em geral, quando *Trieb* é usado “no sentido de ‘instinto’, refere-se a *uma força biológica motivadora que leva os membros da espécie a agir visando sempre à mesma finalidade*” (pp. 34-5). Para Hanns, a diferença entre as duas palavras é mais de natureza conotativa e de amplitude de significação, os dois termos sendo até empregados como sinônimos, não se distinguindo entre aquilo que é biológico-animal e o que é humano. E Freud ocasionalmente utiliza também, seguindo as possibilidades do termo em alemão,

<sup>10</sup> A palavra *pulsion* não estava em uso há mais de um século quando passou a traduzir o *Trieb* freudiano. Segundo Scarfone (2005a, p.14), antes de cair em desuso, o termo significara, no século XVII, em Gassendi (filósofo, astrônomo e matemático francês), o impulso compreendido na *pulsão-atração*, denotando também a propagação do movimento num meio líquido e elástico.

a palavra *Instinkt* como sinônimo de *Trieb*, aplicando-a a seres humanos. Apesar dessa ressalva, o fato é que o *Instinkt* é muito mais limitado do que *Trieb*. Enquanto este último abarca a totalidade de um movimento que se inicia como força impelente geral dos seres vivos e desemboca como impulso ou tendência do indivíduo, *Instinkt* se refere à manifestação dessa força geral na espécie, como uma tendência mais rígida de comportamento, dirigida a atividades e objetos determinados. Ao enfatizar precisamente o fato de que o objeto era o que havia de mais variável na pulsão e ao ampliar a idéia de sexualidade, separando o impulso daquilo que o satisfaz, Freud sugere que uma fundamental diferença entre o homem e os outros animais é justamente a plasticidade das formas de satisfação.

Para os comentadores de Freud é praticamente um consenso o termo instinto referir-se aos instintos inatos dos animais, denotando um comportamento pré-fixado, manifestado de forma relativamente invariável dentro de uma mesma espécie, não se aplicando a seres humanos. No pensamento psicanalítico francês, tal distinção é abertamente aceita e amplamente debatida, desde que Lacan insistiu na divisão radical entre instinto e pulsão. Simplificando e resumindo bastante sua posição central a esse respeito, pode-se dizer que, para Lacan, a pulsão não pode ser confundida com o instinto, pois ela não é tributária do biológico, ela não é um fenômeno natural, trata-se de uma montagem através da qual a sexualidade participa da vida psíquica. É de se notar que no início de seu ensino, Lacan considerava a pulsão pelas suas possíveis transformações gramaticais (passivo, reflexivo e ativo), sendo a pulsão o efeito da linguagem sobre o ser vivo. Mais tarde, a partir do seminário IX, com o desenvolvimento do conceito de objeto *a*, a pulsão passa a ser considerada sob o aspecto de sua vinculação ao registro do real. No Seminário XI, Lacan relê a primeira teoria das pulsões à luz da segunda, separando a pulsão da necessidade. Para ele,

não se trata absolutamente no *Trieb* da pressão de uma necessidade tal como *Hunger*, a fome ou o *Durst*, a sede. De fato, para examinar o que é do *Trieb*, refere-se Freud a algo cuja instância se exerce ao nível da totalidade? (...) É o vivo que está interessado aqui? Não. (Lacan, 1964, p.184).

Tudo o que concerne à conservação do indivíduo – as pulsões do eu – é relegado a um registro diferente do pulsional. Nas elaborações de Freud, como será examinado a seguir, o que fica patente é a força constante da pulsão, sua busca imperiosa por satisfação. Lacan mostrará a absoluta impossibilidade dessa saciação, enfatizando que, na impossibilidade de satisfação plena, a pulsão terá que se contentar com os objetos parciais que lhe são oferecidos. Em

Lacan, o mecanismo do pulsional é explicado a partir do laço entre corpo e linguagem, ou seja, concedendo um papel decisivo às estruturas lingüísticas, cuja lógica se sobrepõe ao funcionamento biológico.

Já para os autores de língua inglesa, para os quais, em geral, a relação entre animal e humano não é concebida como uma ruptura e sim como uma continuidade, a distinção clara entre instinto e pulsão não parece constituir uma preocupação. No trabalho de um autor como Winnicott, por exemplo, a influência de Darwin contribui decisivamente para a idéia de um processo 'natural' do desenvolvimento, como será abordado no próximo capítulo. Como já foi assinalado, atualmente, há uma tentativa, por parte de alguns autores franceses (Green, Roussillon, Anzieu, Widlöcher, entre outros), de levar em consideração as contribuições de psicanalistas de tradição inglesa num sentido complementar, o que será detalhado no último capítulo.

## 2.2

### A origem do conceito na filosofia

Agora que o léxico do termo *Trieb* já foi minimamente definido e as questões principais a respeito de sua tradução para outras línguas foram apontadas, vale examinar brevemente a origem do *Trieb* enquanto conceito propriamente dito. Primeiramente utilizado em sentidos e contextos muito diversos, o termo adquire, com os filósofos da segunda metade do século XVIII e das primeiras décadas do XIX, um sentido técnico e preciso no quadro de um debate sobre o homem e suas motivações. *Trieb* passa, a partir de então, a fazer parte do vocabulário da psicologia e da antropologia, ganhando, assim, um papel central nas ciências do espírito do século XIX.

Na filosofia, o *Trieb* ficou exageradamente atrelado à ciência da natureza e também a seu uso na antropologia kantiana, numa concepção do homem enquanto ser natural dotado de certos *Triebe* animais e humanos. Contudo, segundo Buchenau (2002), trata-se de um equívoco pensar o *Trieb* como um conceito oriundo das ciências da natureza que teria, posteriormente, sido transposto à esfera moral. Em seu artigo *Trieb, AnTrieb, Triebfeder*, a autora<sup>11</sup> tenta resgatar o sentido original que revestia o conceito antes de Kant.

---

<sup>11</sup> Não é possível entrar aqui na densidade do debate filosófico introduzido pela autora, mas apenas seguir suas indicações a respeito do contexto a partir do qual esse conceito de *Trieb* emerge, no início do século XVIII.

[O] *Trieb* emerge no contexto de uma antropologia, entendida no sentido amplo que revestia o termo antes de Kant; como uma disciplina que procura estabelecer toda a particularidade do homem, aquela do homem *inteiro*, considerado como um ser natural e livre. Dito de outra forma, para os autores da primeira e da segunda geração da *Aufklärung*, a distinção kantiana entre perspectiva antropológica e perspectiva moral ainda não está em questão. Para eles, pode-se pensar o homem como *Triebwesen* e como agente moral e livre, sem que haja aí uma oposição, sem que se trate de duas perspectivas diferentes sobre o homem, de duas esferas, aquela do ser e aquela do dever-ser, e é esta tese que nos interessa aqui (Buchenau, 2002, p. 12).

Buchenau defende a tese de que esse termo não faz simplesmente parte de um esforço de tradução do latim para o alemão de conceitos diversos como *appetitus*, *nisus*, *impetus*, *conatus*, *instinctus*, *prima naturalia*, mas que se trata de um conceito novo que nasce, no século XVIII, da reflexão sobre questões morais, políticas e antropológicas. A autora busca, então, apresentar o *Trieb* no contexto de uma visão holística do homem, presente em três autores iluministas pré-kantianos, e seus respectivos discípulos: Christian Thomasius (1655-1728) e seu discípulo Andreas Rüdiger (1673-1731); Christian Wolff (1679-1754) e seu discípulo Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762) e Christian Augustus Crusius (1715-1775) que, por sua vez, faz uma discussão crítica dos predecessores.

Assim, em Thomasius, o *Trieb* seria um estado da vontade traduzido para ações exteriores. Vontade e entendimento são as duas principais forças do homem, irredutíveis uma a outra. O entendimento sozinho não é capaz de explicar por que o homem considera uma coisa como um bem, isto é, por que ele deseja o objeto que vê. A vontade, em contrapartida, pode obter o bem que ela visa. Thomasius associa à vontade quatro movimentos da alma (*Gemünthsbewegungen*) dentre os quais estão os *Triebe*. Assim, a vontade é posta em movimento a partir de uma primeira impulsão de origem corporal e exterior e de uma segunda impulsão, esta interior, no sistema nervoso. O terceiro movimento denomina-se inclinação (*Gemünthsneigung*), sendo o primeiro movimento propriamente da vontade. Consiste numa impulsão corporal interior sofrida pela vontade, marcando um momento passivo. O quarto movimento, chamado de *Trieb*, exprime a atividade da vontade.

Thomasius ressalta que (...) há necessidade de um primeiro momento passivo: 'sem as paixões que antecedem, as ações da alma não são efetivas (*Wircklich*); pois como pensar em alguma coisa que não foi sentida anteriormente? e como escolher alguma coisa quando não se experimentou nenhuma inclinação por esta mesma coisa?' (Buchenau, 2002, p. 14).

Thomasius vai integrar o *Trieb* da vontade na sua definição de homem: "O homem é um ser corporal que se move, que pensa, que se inclina em direção a

alguma coisa e que é ele mesmo motor (*antreiben*) de sua ação” (Thomasius *apud* Buchenau, 2002, p.14). Em suma, a referência à razão não é suficiente para determinar a natureza do homem, que possui outros traços específicos e notadamente certas tendências da vontade. Segundo Buchenau, a contribuição de Thomasius à história do *Trieb* consiste em introduzi-lo como tendência psicossomática, como propriedade especificamente humana e irreduzível à razão. Seu discípulo Rüdiger classificará, em seguida, pela primeira vez, os *GrundTriebe* propriamente humanos de acordo com seu objeto específico.

Wolff, por sua vez, sem comentar diretamente o termo *Trieb*, inicia um novo debate sobre a motivação individual. Para o filósofo, todo agente é atraído ao objeto que considera como o melhor ou o mais perfeito pelo prazer que lhe produz a representação desse objeto. Toda ação livre tem uma causa, causa impulsiva (*Bewegungsgrund*). “Nós chamamos razões/causas motoras (*Bewegungsgründe*) as razões de nossas volições e de nossas nolições, de modo que a representação do bem, o motivo, torne-se a causa motora” (Wolff *apud* Buchenau, 2002, p.18). Em Wolff, a noção de *Bewegungsgrund* possui os dois sentidos: de razão e de causa motora<sup>12</sup>. Seu discípulo, Baumgarten, introduzirá explicitamente *Trieb* ou *Triebfeder* para designar a causa motora. Este autor toma a imagem de *Triebfeder* da mecânica onde ela designa a mola propulsora (o móvel) que coloca a máquina em movimento. Na medida em que, para Wolff, a alma é definida como força, a comparação com a força mecânica é muito apropriada. Além disso, essa comparação conduz à idéia de que, tal como o que move uma máquina pode ser invisível para o exterior, as ações humanas podem ser motivadas por representações obscuras, pulsões cegas, que escapam ao próprio sujeito<sup>13</sup>.

Quando esses impulsos sensíveis atingem uma intensidade suficiente para fazer-nos agir, somos impulsionados pelo que Baumgarten chama pulsão cega, *blinder Trieb*, definida como uma grande quantidade de impulsos sensíveis que nos conduzem em direção a um objeto, sem que haja conhecimento e portanto vontade, isto é racional desse objeto. (...) Entretanto o *Trieb* não se opõe à vontade somente sob a forma de um *blinder Trieb*; ele é também o que torna uma vontade eficaz (Buchenau, 2002, p. 19).

Crusius questiona o determinismo psicológico de Wolff. Para ele o fato de

<sup>12</sup> Scarfone (2005a, p.13), comentando o mesmo artigo de Buchenau, enxerga na definição de Wolff o esboço das concepções freudianas sobre o poder das representações internas nas condutas humanas.

<sup>13</sup> Scarfone (Ibid., p.13) mais uma vez comenta um possível paralelo entre esta idéia e a de motivação inconsciente em seu sentido radical, como “um impulso ainda não posto em forma, ainda não transferido a uma representação capaz de tornar-se consciente, num sujeito não obstante movido constantemente por essa obscura volição”.

o homem agir a partir de certas representações do entendimento não significa considerar que estas determinam todas as suas ações. Ou seja, para Crusius, a vontade não é derivada do entendimento. Assim procedendo, ele faz um retorno à filosofia de Thomasius, associando o *Trieb* à vontade. Para Crusius, os *Triebe* são forças particulares que, juntas, compõem a vontade. Querer significa realizar intenções ou fins no sentido amplo, sem necessariamente implicar o acompanhamento de consciência. Como em Thomasius, o entendimento fornece representações do objeto e assim constitui a condição necessária da ação, enquanto a vontade pode ser considerada a primeira causa física da ação. Tal ação da vontade pressupõe inclinações de origem corporal que permitem a compreensão de sua eficácia e duração. É este aspecto de duração da tendência que ele sublinha em sua definição de *Trieb*: uma volição que persiste na duração, mesmo sem uma intenção. Crusius também afirmará que o homem possui *Triebe* humanas e animais, as humanas sendo aquelas que implicam a faculdade da razão e, mais especificamente, a abstração. Buchenau conclui:

Fundamentalmente, a antropologia que tem lugar de Thomasius a Crusius pretende ser uma resposta a questões morais. A introdução do '*Trieb* da vontade' permite conceber o agente moral como uma entidade de alma e de corpo, motivada por desejos que são ao mesmo tempo sensíveis e racionais, e possuidora de uma vontade que constitui um poder real sobre o corpo, isto é, sobre suas faculdades de execução de máximas de ação (Buchenau, 2002, p.24).

Em seguida, com Kant, os *Triebe* serão relegados ao determinismo natural. Postulando a dualidade do homem como relativa ao fenômeno e ao nômemo<sup>14</sup>, ele rompe com uma das intuições fundamentais de seus predecessores, a de considerar o homem como indivisível. Sua tese sobre a antinomia entre natureza e a liberdade marca o uso que seus sucessores, Fichte, Schiller, Hölderlin, farão do *Trieb*.

Com seu uso do conceito de *Trieb*, Freud permanece bastante fiel à definição presente em qualquer dicionário alemão, como as que foram classificadas no item anterior, apoiando-se, também, na força que o conceito ganhou em sua época, sobretudo através da apropriação feita pelos autores Românticos. Goldschmidt (1988, p. 83), por exemplo, ressalta que o *Trieb*, com seu sentido puramente freudiano, figurava tal qual em um ensaio pouco conhecido de Schiller<sup>15</sup> do ano de 1780, intitulado *A propósito da relação da*

<sup>14</sup> Segundo Kant, o fenômeno é em geral o objeto do conhecimento enquanto condicionado pelas formas da intuição (tempo e espaço e pelas categorias do intelecto). O nômemo indica o objeto do conhecimento intelectual puro, que é a coisa em si. Cf. Abbagnano, 1982, p.415 e p.687.

<sup>15</sup> Segundo Vermorel (1995), a teoria das pulsões de Schiller se situa entre a filosofia idealista de Kant e a de Fichte.

*natureza animal do homem com sua natureza espiritual.* Neste ensaio, Schiller insiste na primazia da atividade corporal e animal sobre a atividade intelectual. Sua principal referência é a natureza, na medida em que, antes de qualquer ação moral, ou consciência de si, o homem dela faz parte. De forma bastante sumária, o filósofo se pergunta como o homem, saído da natureza e limitado por ela, encontra sua liberdade. É através do conceito de pulsão que ele tenta resolver a questão. De acordo com Vermorel (1995, p. 135), em Goethe e Schiller, duas importantes referências para Freud, os *Triebe* serão considerados impulsões naturais primitivas que se opõem à razão. Ainda segundo Vermorel (1995), ao final do século XVIII, a significação mais comum de *Trieb* passa a ser a de uma pressão (*Drang*) ou energia interna ligada não mais ao crescimento, mas ao prazer (*Lust*). Nos poetas, o *Trieb* será a força necessária à atividade amorosa, já que seu significado passa a se superpor ao de amor (*Liebe*). Em Goethe, o sentido de *Trieb* recobre, de forma combinada, as noções de instinto, necessidade, propulsão e impulsão, sendo em sua esteira que o uso moderno de *Trieb* pode ser situado.

De acordo com Vermorel, Freud fica em uma posição intermediária. Em 1905, quando publica os *Três ensaios*, ele busca uma formulação a meio caminho entre a linguagem popular e a ciência. Ele não se limita a enaltecer a pulsão, como os poetas românticos de sua época, pois também sofre influência do pensamento científico do iluminismo. “Freud não glorifica a pulsão, associando a ela o contrapeso das Luzes e aquele do pensamento científico do século XIX. Em Freud, a mística é latente e seu romantismo contido” (Vermorel, 1995, p.148).

A situação de Freud com relação às filosofias de língua alemã de Kant a Schopenhauer poderia se resumir assim: a psicanálise afirma que o que define um ser humano na sua especificidade humana – e não como animal ou como ser natural –, e o que o singulariza na sua humanidade, é a maneira determinada como ele enfrenta, na sua vida e no seu pensamento, o excesso constitutivo do prazer e do desprazer, e sua relação paradoxal. O pensamento deste excesso, indomável, mas não irracional, é o que caracteriza melhor a elaboração do conceito de pulsão em Freud, de um lado, em relação ao apoio espontâneo deste último sobre o uso corrente desse termo em alemão, de outro lado, no confronto com as ciências da vida, e com a filosofia da língua alemã de Kant a Nietzsche. (David-Ménard, 2002, p. 202).

Como foi visto, embora Freud não tenha criado o conceito de *Trieb*, sua originalidade foi, como afirma Hanns (1999), tê-lo inserido “num constructo psicanalítico no qual as pulsões sexuais e destrutivas ocupam um lugar central, bem como propor um tratamento possível dos conflitos pulsionais” (p.36). Freud

sempre pensou a neurose e o conflito a partir de um dualismo pulsional subjacente e, embora tenha sofrido significativas reformulações ao longo dos anos, a teoria pulsional nunca perdeu um lugar central em seu pensamento. Dessa forma, é importante compreender o conceito dentro do quadro teórico freudiano, no qual a teoria pulsional é comumente classificada em duas grandes épocas: a primeira teoria pulsional que, mesmo tendo seus germes antes, inicia-se em 1905 com a primeira versão dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e culmina em 1915, com os artigos metapsicológicos e, mais precisamente, com *Pulsões e destinos da pulsão*. E a segunda teoria pulsional, iniciada em 1920, marcando uma virada no pensamento de Freud com o ensaio *Além do princípio do prazer* e a introdução da pulsão de morte. Assim, a partir de alguns textos centrais, a evolução do pensamento de Freud a respeito da pulsão será situada, destacando-se as principais questões necessárias para a discussão subsequente com a teoria da relação de objeto.

### **2.3** **A primeira teoria pulsional em Freud**

Como é sabido, os *Três ensaios* e a *Interpretação dos sonhos* são os dois trabalhos de Freud que mais sofreram acréscimos e transformações ao longo dos anos. Embora a idéia que o termo “pulsão” expressa já estivesse, de alguma forma, presente em seus primeiros escritos, é apenas nos *Três ensaios*, em 1905, que Freud emprega a palavra e apresenta de modo explícito o conceito de pulsão, detalhando, ao mesmo tempo, sua composição por três elementos: fonte, objeto e finalidade.

Antes de chegar a essa formulação, Freud havia, de 1895 a 1904, investigado o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. Sua teoria da etiologia das neuroses expressa a idéia que a neurose é desencadeada pela sedução de um adulto: toda neurose teria como base um trauma sexual infantil real. De início, Freud exigia uma comprovação factual, procurando descobrir, através da rememoração induzida pela hipnose, a sedução concreta, da parte de parentes e serviçais, para entender o fator traumático, gerador das neuroses. Mas sua experiência clínica e sua própria auto-análise, que o levava à descoberta do Complexo de Édipo, acabariam por forçá-lo a aceitar os limites da teoria da sedução, abrindo caminho para o reconhecimento da sexualidade infantil e do papel da fantasia e da realidade psíquica. Anos mais tarde, ele

resume os efeitos dessa transição em *A história do movimento psicanalítico*:

Quando essa etiologia [do trauma] se desmoronou sob o peso de sua própria improbabilidade e contradição em circunstâncias definitivamente verificáveis, ficamos, de início, desorientados. A análise nos tinha levado até esses traumas sexuais infantis pelo caminho certo e, no entanto, eles não eram verdadeiros. (...) Se os pacientes histéricos remontam seus sintomas a traumas que são fictícios, então o fato novo que surge é precisamente que eles criam tais cenas na *fantasia*, e essa realidade psíquica precisa ser levada em conta ao lado da realidade prática. Essa reflexão foi logo seguida pela descoberta de que essas fantasias destinavam-se a encobrir a atividade auto-erótica dos primeiros anos de infância, embelezá-la e elevá-la a um plano mais alto. E agora, de detrás das fantasias, toda a gama da vida sexual da criança vinha à luz (Freud, 1914b, p.27).

Se Freud não foi pioneiro na exploração da sexualidade infantil, foi o primeiro a conceber uma abordagem psíquica do sexual que englobava a totalidade da vida do indivíduo e não apenas aspectos considerados desviantes e patológicos. Os caminhos que o levaram à plena descoberta da sexualidade infantil são marcados por sua troca intelectual e afetiva com o médico alemão Wilhelm Fliess. Como se sabe, é a seu amigo que Freud confia, em uma célebre carta de 1897, não acreditar mais em sua *neurotica*, ou seja, em sua teoria da sedução (Freud, 1892-1899, p.309). Através da correspondência dos dois, podem-se acompanhar as idéias de Freud à medida que iam se desenvolvendo, como as primeiras hipóteses e formulações sobre a histeria, sua auto-análise, a importância da teoria dos sonhos, o abandono da teoria da sedução e a descoberta do Édipo. De acordo com Green (1997), o trabalho de Freud na época anterior aos *Três ensaios* sofreu a influência do contato com Fliess, cujas hipóteses Freud tinha em alta conta, como uma pesquisa sobre as relações entre o nariz e os órgãos genitais, uma teoria dos biorritmos e a noção de bissexualidade, esta última sendo, posteriormente, motivo de uma disputa autoral entre os dois. Segundo Green (1997), Freud pretendia fundar uma teoria do funcionamento psíquico que desse conta tanto do campo biológico quanto do campo psicológico, só que, nessa empreitada, ele, de certa forma, contava com Fliess para ocupar-se da biologia, enquanto ele mesmo se encarregaria da psicologia.

Mas este projeto, no início, ele nunca pensou poder realizar sozinho. É esta a razão de ele ter buscado a ajuda de Fliess. Constantemente, de uma maneira que beirava a obsessão, ele relembra a divisão de tarefas: a Fliess caberá o papel de descobrir os aspectos biológicos, esclarecendo os fundamentos orgânicos do humano, enquanto que ele, Freud, terá como objetivo colocar em dia as descobertas da investigação psicológica (Green, 1997, pp.106-7).

Quando a relação entre os dois caminhou para o rompimento tanto da amizade como da colaboração, Freud apropriou-se a seu modo da parte

originalmente designada a Fliess, renunciando à idéia desenvolvida por este de uma ligação direta entre o funcionamento dos órgãos e a anatomia e a psicologia. Contudo, juntamente com a investigação psicanalítica extraída da experiência médica cotidiana, Freud nunca deixará de insistir na dependência da investigação biológica, mesmo que esta ganhe em sua obra outra dimensão, no quadro do que será definido pelo nome de metapsicologia<sup>16</sup>.

Em suma, ele defenderá o lugar do biológico, não como tal, mas como horizonte insuperável dos fenômenos psicológicos porque estes dali emergem. Pois o biológico não pode permitir nenhuma apreensão direta de seus efeitos ao nível das organizações psíquicas sobre as quais influi; entretanto, a análise dos fatos obriga o psíquico a remontar em direção a ele, obrigando-nos a pensar o modo sob o qual essa conjunção é concebível. O sexual, deste ponto de vista, toma a função de uma experiência crucial (Green, 1997, p. 109).

Neste contexto, a noção de sexualidade infantil surge, em 1905, nos *Três ensaios*, como a fundamentação teórica que estava faltando desde o abandono da sedução enquanto fator causal das neuroses. Cabe lembrar que no *Projeto para uma psicologia científica* (1895), Freud já havia esboçado uma distinção entre excitações de origem interna e externa, bem como um princípio regulador das excitações, o princípio de inércia neural<sup>17</sup>, e também outras importantes noções que seriam retomadas na elaboração posterior da teoria pulsional, como a idéia de que uma quantidade de excitação endógena atuaria como mola propulsora, movimentando o sistema Psi. Contudo, é apenas com a introdução do conceito de pulsão, nos *Três ensaios*, que será abandonada a necessidade de imaginar um elemento externo, como a sedução concreta de um adulto perverso, exclusivamente responsável por colocar em movimento o aparelho psíquico e explicar a neurose.

De fato, o sexual da sedução era trazido do exterior pelo adulto perverso, espécie de 'primeiro motor' que lançava o psiquismo da criança seduzida na trajetória complexa, que ia levá-la até a neurose. Quando esse motor externo mostrou seus limites, a maquinaria psíquica, que, no *Esboço* (Projeto) parecera por um momento prestes a 'funcionar sozinha', passou a ter necessidade de uma força motriz interna. O conceito de pulsão, com sua idéia intrínseca de força motriz, foi

<sup>16</sup> Segundo Scarfone (2005, p.27), para Freud, nessa época, o termo metapsicologia se refere à necessidade da junção entre psicologia e biologia, como deixa entender a carta a Fliess, de 10 de março de 1898: "Parece-me que a teoria da realização do desejo trouxe apenas a solução psicológica e não a solução biológica – ou, melhor, metapsíquica. (Aliás, quero te pedir seriamente se posso utilizar o nome de metapsicologia para a minha psicologia que conduz à parte traseira da consciência)".

<sup>17</sup> No *Projeto*, Freud associa a tendência a evitar o desprazer com a tendência primária à inércia: os neurônios tenderiam a se desfazer da quantidade, do aumento de pressão, para eliminar o desconforto o que, conseqüentemente, provocaria prazer. Este princípio, mais tarde denominado princípio de constância, aparece nos primeiros escritos de Freud em termos neurológicos. É retomado e trabalhado posteriormente, em 1915, em *Pulsões e destinos da pulsão* e, em 1920, em *Além do princípio de prazer* e, em 1924, em *O problema econômico do masoquismo*. Nestes últimos textos, assume uma nova denominação, a de Princípio de Nirvana.

destinado a desempenhar este papel (Scarfone, 2005, p.21).

Embora Freud nunca tenha negado totalmente o fator patogênico de uma possível sedução real, sua reformulação relativizava consideravelmente o papel do fator externo, deslocando, desse modo, a questão da etiologia da neurose para o interior do aparelho psíquico<sup>18</sup>. Desde então, as pulsões assumem o papel primordial que nunca perderão em Freud, a despeito das contínuas alterações e desenvolvimentos teóricos subseqüentes.

A palavra pulsão figura logo na abertura da primeira parte dos *Três ensaios*, dedicada às aberrações sexuais: “O fato da existência de necessidades sexuais no homem e no animal expressa-se na biologia pelo pressuposto de uma ‘pulsão sexual’” (Freud, 1905, p.128). Nesse primeiro ensaio, Freud se propõe rever as opiniões populares correntes sobre a homossexualidade, a pedofilia, a zoofilia e outras práticas então consideradas perversões. Ele examinará essas manifestações a partir de desvios em relação a dois componentes da pulsão sexual, o *objeto sexual* (a pessoa de quem provém a atração sexual), e o *alvo sexual* (a ação para a qual a pulsão impele). Além de colocar as ditas aberrações em continuidade com a normalidade, Freud também afrouxa o vínculo estreito que se imaginava existir entre a pulsão sexual e seu objeto. Diferentemente, portanto, da pulsão de nutrição (fome) que é “energicamente agarrada” ao objeto, a pulsão sexual admite ampla variação e rebaixamento de seu objeto, sendo inclusive provável a hipótese de uma total independência entre ambos, pulsão sexual e objeto, no início. Assim, a primeira dualidade pulsional já está claramente esboçada aqui, através da distinção entre uma pulsão de autoconservação, ligada à satisfação de necessidades primárias e vitais, e uma pulsão sexual.

No segundo ensaio, Freud explora a sexualidade infantil, questionando a idéia, dominante em seu tempo, segundo a qual a sexualidade apareceria ‘naturalmente’ somente na puberdade. Ao contrário, ele afirma que a excitação sexual da criança provém de uma multiplicidade de fontes, sendo uma marca universal da pulsão sexual humana a disposição para as perversões. A própria pulsão sexual seria composta por diversos aspectos parciais e sua satisfação estaria ligada a zonas erógenas, marcadas pela incidência no corpo da criança dos cuidados maternos comuns e, portanto, facilmente associadas às partes conectadas às necessidades vitais (como a boca e o ânus). Ao longo do

---

<sup>18</sup> É bem verdade que, mesmo no caso da sedução, são as lembranças que, re-significadas num período posterior de maturação sexual, possuem efeito patogênico. A ameaça, portanto, também vinha do interior do aparelho psíquico, mas em um segundo tempo.

desenvolvimento psicosexual que conduz ao primado do genital, as diversas moções da vida infantil caminham no sentido de uma conjugação em uma unidade, numa aspiração a um único alvo. Neste percurso, contudo, o desenvolvimento libidinal pode sofrer inibições, regressões e fixações. A contingência do objeto e a plasticidade das formas de realização da pulsão marcam a distinção entre o homem e os outros animais e, ao mesmo tempo, anulam as diferenças de natureza entre o normal e o patológico.

Em 1910, cinco anos após a primeira publicação dos *Três ensaios*, no pequeno texto intitulado *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*, Freud introduz explicitamente o primeiro dualismo pulsional: as pulsões sexuais e as pulsões do Eu. Este artigo marca o primeiro emprego do termo pulsão do Eu, identificado às pulsões de autoconservação e oposto às pulsões parciais a serviço do prazer sexual.

Descobrimos que cada instinto procura tornar-se efetivo por meio de idéias ativantes que estejam em harmonia com seus objetivos. Estes instintos nem sempre são compatíveis entre si; seus interesses amiúde entram em conflito. A oposição entre as idéias é apenas uma expressão das lutas entre os vários instintos. Do ponto de vista de nossa tentativa de explicação, uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre os instintos que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e os demais instintos que têm por objetivo a autopreservação do indivíduo – os instintos do ego.

Como disse o poeta<sup>19</sup>, todos os instintos orgânicos que atuam em nossa mente podem ser classificados como ‘fome’ ou ‘amor’ (Freud, 1910, pp. 223-4).

Pela primeira vez, portanto, é atribuído um “suporte pulsional ao ego, que desde 1896 era reconhecido como um dos pólos do conflito defensivo, mas que só agora se vê relacionado a um grupo específico de pulsões” (Mezan, 1982, p.156). Já no *Projeto* e na *Interpretação dos sonhos*, a fome havia sido escolhida como modelo paradigmático do que viria a ser posteriormente a noção de pulsão, tendo Freud aplicado à pulsão sexual, em 1905, o mesmo esquema de desenvolvimento. Em resumo, a primeira teoria pulsional de Freud contém a idéia de que a pulsão sexual se apóia primeiramente sobre a pulsão do eu, a serviço da autoconservação, até que elas se autonomizem, se desvinculem, e entrem em conflito de interesse. A idéia aqui delineada é que a livre satisfação das pulsões sexuais poderia colocar a existência do indivíduo em perigo pela sanção social.

Em 1911, Freud especifica que o funcionamento mental é regido por dois

<sup>19</sup> Trata-se de um poema de Schiller, cujas idéias, como se viu mais acima, certamente influenciaram o pensamento de Freud em relação à teoria das pulsões como também toda a primeira parte de sua obra, visto as inúmeras citações de seu nome em *A Interpretação dos Sonhos*.

princípios: o de prazer e o de realidade. Até então, sabia-se que os processos mentais inconscientes funcionavam de acordo com o princípio de prazer, que consiste em afastar da atividade psíquica qualquer elemento que possa provocar desprazer. O termo princípio de realidade, embora a idéia já estivesse presente em trabalhos anteriores, é introduzido pela primeira vez em 1911, no artigo *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*. A busca de prazer, ou seja, a descarga imediata da excitação, mantém-se como a tendência fundamental do aparelho psíquico mas, através do princípio de realidade, o prazer será adiado para uma resolução mais segura. Segundo Mezan (1982), o que fica mais claro, a partir desse texto de 1911, é o problema da origem e estrutura do ego e de sua relação com a sexualidade.

De início, as pulsões sexuais comportam-se auto-eroticamente e encontram sua satisfação no próprio corpo. Elas não chegam a encontrar uma situação em que ocorram impedimentos à satisfação e que obriguem à instauração do princípio de realidade. Quando mais tarde o processo de busca de objeto se inicia também para as pulsões sexuais, este logo sofre uma longa interrupção em virtude do período de latência, o qual posterga o desenvolvimento sexual até a puberdade. Estes dois fatores – auto-erotismo e período de latência – fazem com que a pulsão sexual fique retida em seu desenvolvimento psíquico e permaneça por muito mais tempo sob o domínio do princípio do prazer. Aliás, no caso de muitas pessoas, a pulsão sexual jamais consegue escapar desse domínio.

Em decorrência dessas circunstâncias, estabelece-se uma relação mais próxima entre a pulsão sexual e a fantasia, por um lado, e as pulsões do Eu e as atividades da consciência, por outro (Freud, 1911, p.67-8).

Com a posterior introdução do conceito de narcisismo, a teoria das pulsões sofre um remanejamento importante. Em *À guisa de introdução ao narcisismo*, de 1914, Freud abordará mais profundamente as relações entre o Eu e os objetos externos, traçando uma distinção entre duas faces da libido: a 'libido do eu' envia seus pseudópodos para os objetos, convertendo-se em 'libido objetal' e, inversamente, pode retirar-se deles retornando ao Eu quando a realidade assim o exigir.

Assim chegamos à concepção de que originalmente o Eu é investido de libido e de que uma parte dessa libido é depois repassada aos objetos; contudo, essencialmente, a libido permanece retida no Eu. Poderíamos dizer que ela se relaciona com os investimentos realizados nos objetos de modo análogo àquele com que o corpo de um protozoário se relaciona com os pseudópodes que projeta em direção aos objetos (Freud, 1914, p.99).

A necessidade do conceito de narcisismo surgiu para Freud da observação clínica, mais precisamente da dificuldade no trabalho com alguns pacientes. Nessa concepção, o narcisismo não seria uma perversão, mas “o complemento libidinal do egoísmo próprio da pulsão de auto-conservação, egoísmo que, em certa medida, corretamente pressupomos estar presente em todos os seres

vivos” (p.97). Foi basicamente a partir da análise dos delírios de grandeza e do desligamento do mundo exterior na esquizofrenia que Freud inferiu um narcisismo primário e normal em todo e qualquer indivíduo. Enquanto o neurótico mantém um vínculo erótico com o mundo, conservando os objetos na fantasia, na esquizofrenia, a libido retirada dos objetos é redirecionada ao Eu. Este seria um narcisismo secundário, superposto a um primário (inferido a partir da relação dos pais com seus filhos – manifestação de seu próprio narcisismo primário abandonado e em cujo lugar surge seu ideal do eu).

Assim, Freud é levado a considerar a existência contínua e simultânea de uma oposição entre libido do eu e libido do objeto, e a formular uma hipótese de um movimento de oscilação simétrica entre as duas, de forma que, se uma enriquece, a outra empobrece, e vice-versa (quanto mais uma consome, mais a outra se esvazia). Nessa perspectiva, a libido de objeto, em seu ponto máximo, caracteriza o estado de apaixonamento no qual o Eu esvazia-se em prol do investimento no objeto, ao passo que, inversamente, em seu desenvolvimento máximo, a libido de eu caracteriza a fantasia paranóica do fim do mundo. Ainda neste texto de 1914, o Eu é definido como o grande reservatório de libido. Mas, se pergunta Freud, se a libido inicialmente encontra-se represada no Eu, se ele é o grande reservatório da libido, o que força a vida psíquica a ultrapassar as fronteiras do narcisismo e investir libido nos objetos? Sua resposta será, mais uma vez, no sentido da manutenção da homeostase do aparelho psíquico. Um represamento como esse no Eu seria desprazeroso. O desprazer é sempre a expressão de maior tensão, quando a libido no Eu excede certa quantidade se transforma em qualidade psíquica do desprazer, exigindo seu escoamento.

Embora Freud nunca tenha abandonado o dualismo pulsional, com o texto sobre o narcisismo, o dualismo fica ameaçado e a teoria da pulsão aproxima-se de um monismo<sup>20</sup>. Ao estabelecer um investimento duradouro da libido no ego, ele retira das pulsões sexuais seu caráter de oposição às de autoconservação que, de certo modo, são assumidas pelo eu. O eu deve ser o pólo de resistência às pulsões (o que, em realidade, sempre foi seu papel), mas a novidade está no fato de que agora ele agirá com as armas das próprias pulsões. “É como se o impulso pulsional fosse absorvido e estabilizado no ego, agora concebido como o grande reservatório de libido. O que resta de ‘premente’ no impulso deverá

---

<sup>20</sup> Como observa Masotta, “[n]a medida em que o narcisismo o obrigava a reconhecer que também o Eu, núcleo até então dos impulsos não sexuais, era de modo fundamental presa da *libido*, Freud se via arrastado a um monismo que não somente o punha em contradição com seu próprio modelo das pulsões, como também, além do mais, o obrigava a uma polêmica, um tanto engraçada é verdade, contra o monismo de seu discípulo Jung” (Masotta, 1986, p.57).

manifestar-se noutra parte” (Scarfone, 2005, p.79).

Um ano após o artigo sobre o narcisismo, em *Pulsões e destinos da pulsão*, de 1915, Freud apresenta uma definição mais acabada do conceito de pulsão. Em um acréscimo aos *Três ensaios*, feito no mesmo ano de 1915, encontra-se a célebre definição da pulsão como um conceito limite entre o psíquico e o somático, concepção que, de alguma forma, esteve sempre presente ao longo da obra de Freud:

Por ‘pulsão’ podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do ‘estímulo’, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão é, portanto, um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida de exigência de trabalho feita à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico (Freud, 1905, p.159).

Em *Pulsões e destinos da pulsão* Freud repetirá, portanto, o que já havia dito nos *Três ensaios* e no *Caso Schreber*, ou seja, a pulsão é um conceito limítrofe entre o somático e o psíquico – mas, agora, em 1915, ele apresenta um novo dado, o de uma medida de exigência feita à mente em consequência de sua conexão com o corpo. Freud introduz de forma mais explícita um quarto componente da pulsão, além dos outros (fonte, finalidade, objeto) já enunciados em 1905, nos *Três ensaios*. Trata-se da pressão (*Drang*), que indica o fator motor da pulsão, a quantidade de força ou a medida de exigência de trabalho que ela representa. Por pressão compreende-se a qualidade de excitação contínua e constante da pulsão. Os outros três componentes da pulsão são descritos da seguinte forma: a finalidade ou meta da pulsão (*Ziel*) é o apaziguamento de certa tensão provocada pela pressão da estimulação na fonte. O objeto (*Objekt*) é o meio pelo qual a meta pode ser atingida, sendo, portanto, relativamente contingente. É o elemento mais variável e não está originalmente vinculado a ela, podendo ser externo ou parte do próprio corpo. E a fonte (*Quelle*) é um processo somático localizado em um órgão ou parte do corpo, cuja excitação é representada na vida psíquica pela pulsão. A fonte só se pode fazer conhecer pela via psíquica através de suas metas. Embora reconheça a fonte como o elemento mais decisivo da pulsão, Freud considera seu estudo como fora do âmbito da psicologia.

Freud inicia *Pulsão e destinos da pulsão* tomando o cuidado de precisar que a pulsão é ainda um conceito convencional, provém da descrição de

fenômenos, de algumas idéias abstratas e da experiência empírica. Por isso, mantém um grau de indefinição que não permite uma elaboração clara e precisa como se poderia idealmente esperar de um conceito científico. “Um conceito convencional desse gênero, no momento ainda bastante obscuro, mas que não podemos dispensar na psicologia, é o de *pulsão*. Tentemos dar-lhe um conteúdo a partir de diversos ângulos” (Freud, 1915, p.145). Neste artigo Freud irá, então, apresentar aspectos da pulsão, começando pelo fisiológico. Do ângulo da fisiologia, a pulsão deve ser compreendida segundo o modelo do arco reflexo. Freud distingue o estímulo pulsional do estímulo fisiológico que atua sobre o psíquico. Enquanto o estímulo fisiológico age como um impacto único, que pode também ser eliminado por uma ação única, como a fuga motora, o estímulo pulsional, como já foi afirmado, não provém do mundo externo, mas do interior do organismo.

A pulsão, ao contrário, nunca age como uma *força momentânea de impacto*, mas sempre como uma força *constante*. Como não provém do exterior, mas agride a partir do interior do corpo, a fuga não é de serventia alguma. A melhor denominação para o estímulo pulsional é o termo ‘necessidade’, e a tudo aquilo que suspende essa necessidade denominamos ‘satisfação’. Essa satisfação só pode ser alcançada por meio de uma alteração direcionada e específica (isto é, adequada) da fonte interna emissora dos estímulos (Freud, 1915, p.146).

A possibilidade de fuga do estímulo servirá como parâmetro para a distinção entre mundo interno e externo. “A substância perceptiva do ser vivo terá assim obtido, a partir da eficácia de sua atividade muscular, um ponto de referência para diferenciar um ‘externo’ e um ‘interno’” (Freud, 1915, p.147). A essência da pulsão é, portanto, sua proveniência de fontes de estímulo no interior do organismo e sua manifestação como força constante. Não se pode fugir dela. A isso se soma a premissa de natureza biológica da homeostase, já elaborada anteriormente, a partir da qual o sistema nervoso é um aparelho que tem por função livrar-se do excesso de excitação que lhe chega, de reduzi-lo a um nível tão baixo quanto possível, ou mesmo, se pudesse, de manter-se absolutamente livre de estímulos. Nesse sentido, as pulsões complicam o esquema do arco reflexo fisiológico, porque impõem ao sistema nervoso exigências muito mais complexas para se livrar dos estímulos. Freud parte então para a análise de outro ângulo da pulsão, além do fisiológico. Na descrição biológica, Freud apresenta os quatro termos utilizados em conexão com o conceito de pulsão (pressão, meta, objeto e fonte), já citados mais acima, e enuncia a mesma célebre definição apresentada no acréscimo de 1915 aos *Três ensaios*.

Se abordarmos agora a vida psíquica do ponto de vista biológico, a 'pulsão' nos aparecerá como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida de exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo (Freud, 1915, p.148).

Laplanche (1985) enfatiza que o modelo mais utilizado por Freud para expressar a relação entre o somático e o psíquico é o da metáfora da delegação, no sentido de que uma excitação local, de cunho biológico, encontra sua representatividade na vida psíquica como pulsão. Esse princípio axiomático da pulsão, enquanto conceito limite entre o somático e o psíquico, provocou e provoca muito debate no meio psicanalítico pós-Freud. Ora os psicanalistas se apegam excessivamente à idéia da origem da pulsão no somático, ora se concentram no caráter puramente psíquico da pulsão, esforçando-se por desvinculá-la ao máximo do biológico, temendo que a descrição fisiológica do arco reflexo equipare a pulsão à idéia de instinto. De todo modo, há uma grande controvérsia quanto à definição da natureza da pulsão: força orgânica endógena excitante, elemento fundamental de ligação entre o corpo e o psiquismo, ou poder do ato psíquico.

Para Freud, contudo, não se trata de definir o que é mais importante, o fisiológico ou o psíquico, o que importa é reconhecer que todas as diferentes pulsões sexuais são qualitativamente da mesma espécie e que as diferenças entre seus efeitos no psíquico se devem à magnitude da excitação da pulsão. Ele reconhece que se poderia distinguir um grande número de pulsões como a gregária, a destrutiva, a lúdica etc., mas lhe parece mais desejável chegar a um número mínimo de pulsões, não mais divisível. Freud insiste em dois grupos de pulsões originárias: o grupo das pulsões do Eu, ou de autoconservação, e o das pulsões sexuais. O essencial é que se trata de duas pulsões, que mantêm entre si uma relação antagonista<sup>21</sup>. Essa classificação é oriunda da constatação de que nas neuroses de transferência sempre há um conflito entre as reivindicações da sexualidade e as do Eu. Até aquele momento, afirma Freud, a psicanálise só pôde oferecer informações satisfatórias a respeito das pulsões sexuais, as únicas observáveis nas psiconeuroses, mas ele não exclui a possibilidade de que a ampliação da psicanálise ao estudo mais exaustivo das outras afecções neuróticas (sobretudo das psiconeuroses narcísicas) obrigue a uma modificação dessa fórmula, levando assim a um maior conhecimento das pulsões do Eu ou a

---

<sup>21</sup> Esta é, afinal, a condição necessária para que a tendência biológica do aparelho psíquico à regulação homeostática seja mantida.

outro modo de agrupamento das pulsões originais, como, de fato, ocorrerá, a partir de 1920, com a segunda teoria pulsional:

Mas essa classificação não é uma premissa necessária, como, por exemplo, a hipótese a respeito da tendência biológica do aparelho psíquico. Ela é uma simples construção auxiliar que apenas será mantida enquanto se mostrar útil; sua substituição por outra fará pouca diferença nos resultados de nosso trabalho de descrição e categorização (Freud, 1915, p.150).

Cabe lembrar, porém, que Freud intitula este artigo *Pulsões e destinos de pulsão*, dando a entender que seu propósito não é apenas definir o conceito de pulsão, mas também seus 'destinos'. Freud já havia sinalizado que a pulsão, sendo uma força interna e constante, obrigaria o indivíduo a buscar a satisfação por meios muito mais complexos do que o do esquema do arco reflexo. O que caracteriza as pulsões sexuais é o fato de serem numerosas, de terem sua origem em várias fontes orgânicas, serem independentes e só mais tarde caminharem para uma síntese. A meta de cada uma é obter o prazer do órgão.

Freud enumera quatro destinos das pulsões e propõe também compreendê-los em relação às forças motivacionais que se opõem a elas. Em realidade, para ele, os destinos da pulsão são os diferentes modos de defesa contra as pulsões. São eles: a transformação em seu contrário; o redirecionamento contra a própria pessoa; o recalque e a sublimação. Neste artigo Freud só tratará dos dois primeiros. A transformação em seu contrário se refere às metas e se divide em dois processos: o redirecionamento da atividade para a passividade e a inversão do conteúdo. No caso da atividade e da passividade, o exemplo usado é o do par de opostos sadismo e masoquismo (e o voyeurismo e exibicionismo), no qual a meta ativa que seria bater (ver) é substituída pela passiva, ser batido (ser visto).

Quanto ao sadismo e ao masoquismo trata-se de dois 'destinos' vizinhos que entram em jogo: 'a transposição ao contrário' e 'o retorno sobre a própria pessoa'. A transposição ao contrário é, por exemplo, a passagem de uma pulsão da atividade à passividade ou vice-versa, o que leva a pensar numa espécie de complementaridade entre as duas posições, assim como, do ponto de vista gramatical, passamos de uma a outra proposição, ativa e passiva, por uma simples 'transformação' reversível. O retorno sobre a própria pessoa refere-se ao 'objeto' da pulsão, objeto que pode ser trocado, e de objeto externo tornar-se objeto interno: o próprio ego (Laplanche, 1985, p.92).

Já a inversão de conteúdo é apenas encontrada na transformação do amor em ódio na relação com objetos totais. Segundo Freud, a transformação do conteúdo de amor em ódio, não se encaixa na explanação anterior das pulsões, pois o amor costuma ser encarado como a expressão da vertente sexual inteira.

Quando Freud falava do objeto enquanto ligado às zonas erógenas, o que estava em questão eram objetos parciais e não o objeto total, a pessoa como um todo. As pulsões sexuais parciais não necessitam do mundo externo para a satisfação, sendo capazes de se satisfazerem auto-eroticamente. Freud dirá que enquanto se usa, em referência aos objetos de autoconservação, o termo necessidade e não amor, em relação à pulsão seria até possível dizer que ela “ama” o objeto por meio do qual aspira obter satisfação. Mas como, em contrapartida, o mesmo não pode ser dito a respeito do ódio, Freud daí conclui que as relações de amor e ódio devem apenas ser utilizadas para se referir à relação do Eu-total com seus objetos.

O fato de que não se diz que uma pulsão isolada ama seu objeto, e o fato de que só utilizamos a palavra ‘amar’ na relação do Eu com seu objeto, nos mostra que a palavra ‘amar’ só é utilizável para se referir à relação entre o Eu e seu objeto depois de já ter ocorrido a síntese – sob o primado dos órgãos genitais e a serviço da função de reprodução – de todas as pulsões parciais da sexualidade (Freud, 1915, p. 160).

Nas elaborações de Freud a respeito da primeira teoria pulsional, como foi exposto até agora, prevalecem as idéias de força e quantidade, o que fez com que muitas vezes Freud fosse criticado por conceber o aparelho psíquico nos moldes de uma máquina. Em contrapartida, na segunda teoria pulsional, que será apresentada a seguir, ele atribuirá qualidades à pulsão. Embora distinta da primeira, a segunda teoria não a substitui por completo, englobando e transformando muitos de seus elementos. É importante lembrar que elas são o resultado de experiências e interrogações diferentes: a primeira foi construída a partir da experiência clínica de Freud com as neuroses de transferência e a segunda baseou-se nas experiências e hipóteses a respeito das neuroses narcísicas. Assim, os conceitos que, na primeira teoria pulsional, definem a pulsão (pressão, meta, fonte e objeto) não são facilmente aplicáveis ao par de opostos introduzidos na segunda teoria, pulsão de vida e pulsão de morte. A descrição esmiuçada da fisiologia pulsional, por exemplo, e de sua transformação em afetos e representações não é possível no segundo modelo. Neste último, Freud tende a empregar a pulsão no sentido de ‘princípio’ ou ‘tendência’, pouco detalhando seus mecanismos de transformação. Mas a base da noção de pulsão permanece a mesma em ambas as teorias, ou seja, a idéia de uma força impelente interna que assume intensidade e pressiona a busca de meios de apaziguamento da tensão.

## 2.4 A segunda teoria pulsional

A segunda teoria pulsional de Freud se insere no contexto da chamada Virada de 1920 que, como se sabe, representa um amplo remanejamento das hipóteses fundamentais de Freud, a partir da introdução da pulsão de morte e da nova topografia do aparelho psíquico estruturada em Id, Ego e Superego. Em *Além do princípio de prazer* (1920), com as reflexões a respeito da compulsão à repetição, e, mais ainda, depois de *O Ego e o Id* (1923), com a segunda tópica, a preocupação de Freud se desloca das neuroses para a comparação entre neurose e psicose. Ou seja, o foco antes centrado nas vicissitudes da libido se volta para o estudo das relações entre pulsões eróticas e destrutivas e para um estudo mais aprofundado do ego, o que automaticamente remete a suas relações com os objetos.

Green, em seu artigo *Le tournant des années folles*, analisa as motivações que levaram Freud às mudanças apresentadas nesse período. De seu ponto de vista, mais do que qualquer outro fator que se possa evocar, são os efeitos da experiência dos tempos de Guerra que melhor explicam essa virada. Como um dos primeiros resultados das reflexões do pós-Primeira Guerra, a noção de pulsão de morte chocou os demais psicanalistas, que receberam o conceito com bastante cautela e reserva. Considerado como um elemento completamente novo no arcabouço teórico da Psicanálise, a pulsão de morte inaugura uma nova fase “em relação à concepção do homem que subjaz à clínica e à teoria que a sustenta” (Mezan, 1982, p.252).

A virada de 1920 pode ser resumida por uma tripla afirmação: primeiro a insistência, com a compulsão à repetição, sobre a força demoníaca da pulsão; em seguida, a duplicidade do Eu cuja estrutura revela que uma grande parte é inconsciente, o desdobramento das defesas estando, eles próprios, submetidos à mesma cegueira que afeta o desejo; enfim, o desmascaramento da força principal que faz obstáculo ao potencial criador da libido: as pulsões de destruição (Green, 1990, p. 28).

Desde o *Projeto*, como se sabe, Freud concebia o funcionamento psíquico como regulado por uma tendência a eliminar ou reduzir as tensões ao mínimo possível, havendo uma relação direta entre, de um lado, a elevação de quantidade de estímulos e o aumento do desprazer e, de outro, a diminuição de excitação e o aumento do prazer. Diante das novas descobertas clínicas e teóricas da psicanálise, como o fenômeno do masoquismo e a compulsão à repetição, contudo, Freud questiona o postulado do domínio do princípio de prazer sobre o curso dos processos psíquicos. Em realidade, ele dirá que há

uma forte tendência a esse princípio, mas admite a existência de forças que impedem seu funcionamento, sendo o resultado final nem sempre a tendência ao prazer. Como foi visto mais acima, o princípio de realidade por si só não pode ser responsável por esse fracasso, já que nele a tendência ao prazer é apenas adiada para uma resolução mais segura.

Em *Além do princípio de prazer*, Freud recorre a alguns exemplos que, aparentemente, vão contra o princípio de prazer, pois o que se repete insistentemente nesses casos não são experiências agradáveis e bem sucedidas: os pacientes que apresentam uma neurose traumática e reproduzem continuamente em seus pesadelos o traumatismo gerador de desprazer, a criança que encena através do jogo com o carretel a angustiante separação da mãe, e os pacientes que repetem as dolorosas experiências infantis na transferência. Freud está preocupado com a persistência da neurose na clínica e a resistência aos esforços terapêuticos, com o fato de o paciente reiterar na transferência um grande número de situações dolorosas, ao invés de simplesmente rememorar-las.

[O]ra, se o paciente repete apesar das resistências, a repetição se encontra evidentemente numa posição oposta à do Princípio do Prazer. Mais precisamente, ele repete *por causa* das resistências: elas bloqueiam o acesso à linguagem, e portanto à consciência, do material reprimido (Mezan, 1982, p.254).

O Eu resiste porque, funcionando sob a influência do princípio do prazer, busca evitar o desprazer que seria gerado pela liberação do recalado. Até aquele momento, com a primeira teoria pulsional, Freud não havia imaginado que a sexualidade pudesse ser contrariada por nada além do recalque. Ao bloquear a rememoração durante o processo analítico, obedecendo ao princípio de prazer, o Eu torna necessária a repetição, forçando o recalado a expressar-se por essa via. Não há como contornar essa repetição, não há defesa contra ela, visto que ela própria é uma defesa. O analista então será obrigado a deixar o analisando reviver os fragmentos que emergem (no caso, sempre um fragmento da vida sexual infantil), permitindo assim, através da análise da transferência, que o paciente distinga, no material que está sendo revivido, o reflexo do passado esquecido. Mas o desprazer deste tipo de repetição, como afirma Freud, também não responde à questão da força que estaria além do princípio de prazer já que, neste caso, o que é desprazer para um sistema é prazer para o outro. Isso fica claro no exemplo dos sonhos de medo e angústia e dos sonhos de punição, nos quais o princípio de prazer não é contrariado já que, ao invés de realizar o desejo proibido, realizam o castigo correspondente ao

desejo da consciência de culpa. Além disso, a repetição também tem a função de dotar o sujeito de maior controle sobre a situação que lhe provocara desprazer, preparando-o para lidar melhor com futuros traumas. Mas o que é verdadeiramente surpreendente para Freud é quando o sujeito parece vivenciar de forma passiva a repetição da fatalidade, esse eterno retorno do mesmo, sem qualquer influência de controle. Assim, Freud reafirma que, enquanto a resistência dos pacientes provém do Eu e está a serviço do princípio de prazer, a “compulsão à repetição, por sua vez, deve ser atribuída ao recalcado inconsciente” (Freud, 1920, p.145). Para melhor compreender essa compulsão à repetição que opera independentemente daquele princípio, Freud se volta para a análise de experiências que *não incluem qualquer possibilidade de prazer*.

O fato novo e impressionante que iremos descrever em seguida é que a compulsão à repetição também faz retornar certas experiências do passado que não incluem nenhuma possibilidade de prazer e que, de fato, em nenhum momento teriam proporcionado satisfações prazerosas, nem mesmo para moções pulsionais recalçadas naquela ocasião do passado (Freud, 1920, p.146).

Na tentativa de responder essas questões, Freud apela para uma elaborada e audaciosa análise especulativa<sup>22</sup>, baseada na biologia da época, na qual ele fará uma comparação entre o aparelho psíquico e um organismo vivo, uma vesícula indiferenciada cuja parte exterior faz função de pára-excitação, ou seja, de escudo protetor contra os estímulos.

O escudo protetor se forma quando a superfície mais externa da vesícula perde a estrutura característica da matéria viva, isto é, quando, até certo ponto, ela se torna inorgânica e passa a funcionar como um envoltório especial ou como uma membrana destinada a amortecer os estímulos (Freud, 1920, p.150).

Assim, a vesícula está dotada de proteção contra as excitações vindas do exterior e a camada mais interna e sensível deve lidar com as excitações que passam do exterior e também com as excitações vindas do interior, as pulsões, contra as quais não há proteção. O organismo passa a lidar com as excitações do interior usando os mesmos mecanismos de defesa empregados pela camada protetora externa, o que explicaria, por exemplo, o mecanismo da projeção. Neste ponto, Freud introduz uma nova perspectiva sobre o trauma que, neste texto de 1920, é descrito como uma vasta e inesperada ruptura no escudo

---

<sup>22</sup> “O que se segue é pura especulação, que muitas vezes remonta ao passado longínquo e que cada um, de acordo com sua suposição subjetiva, poderá levar em consideração ou desprezar. De resto, trata-se de uma tentativa, movida por pura curiosidade, de explorar uma idéia até o final, apenas para saber aonde ela pode nos levar” (Freud, 1920, p.149).

protetor contra os estímulos<sup>23</sup>.

Já que não é possível impedir que grandes quantidades de estímulos inundem o aparelho psíquico, só resta ao organismo tentar lidar com esse excesso de estímulos capturando-o e enlaçando-o [*binden*] psiquicamente para poder então processá-lo (Freud, 1920, p.154).

Freud retoma a discussão de Breuer sobre a diferença estabelecida pela física de Helmholtz, Brücke e outros autores do século XIX, entre energias mecânicas, cuja soma se mantém constante num sistema isolado, e a oposição introduzida entre energia cinética e energia quiescente, mas, segundo Laplanche (1994), ele inverte seu sentido ao caracterizar a energia cinética como livre e a quiescente como ligada:

Mas gostaríamos de considerar como elemento novo a tese de Breuer que admite duas formas distintas de preenchimento de energia nos sistemas psíquicos (ou nos seus elementos): cargas de investimento que fluem livremente e que pressionam para a descarga e cargas de investimento em repouso. Talvez possamos supor que o que chamamos de 'enlaçamento' ou 'captura' da energia que flui para o aparelho psíquico consista em uma passagem do estado de fluxo livre para o estado de repouso (Freud, 1920, p.155).

Tal definição sempre será mantida como expressão econômica da distinção fundamental entre processo primário e secundário. Como se sabe, enquanto o processo psíquico do inconsciente é o primário e representa a circulação de energia livre (catexia livremente móvel), o do consciente é o secundário e deve ligar e canalizar a energia livre para objetos e finalidades adequadas ao ego (catexia vinculada). Assim, um sistema altamente investido energeticamente é capaz de receber um influxo adicional de energia nova e de convertê-lo em carga de investimento quiescente, em repouso, isto é, de capturá-lo e vinculá-lo psiquicamente. Quanto mais alta for a carga de investimento do sistema disponível em estado quiescente, maior parece ser a sua força vinculadora; inversamente, entretanto, quanto mais baixa a catexia, menos capacidade terá para receber o influxo de energia e mais violentas serão as conseqüências de tal ruptura no escudo protetor contra os estímulos. O trauma só ocorre caso o aparelho psíquico não esteja preparado pela angústia, isto é, se as partes do sistema destinadas a receber o excesso de estimulação não forem suficientemente sobreinvestidas (hipercatexizadas) e, por isso, não estiverem aptas a ligar a quantidade de energia que aflui (Freud, 1920, p.155). A

---

<sup>23</sup> "Chamemos de traumáticas as excitações externas que possuírem força suficiente para romper o escudo protetor. Acredito que não podemos compreender o conceito de trauma sem vinculá-lo a uma ruptura na camada protetora contra os estímulos, a qual sabemos sob circunstâncias normais operar de modo eficaz" (Freud, 1920, p.153-4).

última linha de defesa contra o trauma consiste, então, na “preparação pelo medo [*Angstbereitschaft*] e o sobreinvestimento dos sistemas receptores” (p.155). A partir de certa intensidade do trauma, contudo, essa capacidade pode ser anulada. Os sonhos nas neuroses traumáticas nada mais são do que a tentativa do aparelho psíquico de processar os estímulos que surgem quando a angústia é desencadeada – o que justamente não ocorreu no passado, provocando a neurose traumática.

Dessa maneira, eles [sonhos nas neuroses traumáticas] nos mostram uma função do aparelho psíquico que, sem estar em contradição com o princípio de prazer, ocorre de modo independente deste e provavelmente é anterior ao propósito de obter prazer e evitar o desprazer (Freud, 1920, p.156).

Freud conclui então que, tanto os sonhos nas neuroses traumáticas, como os sonhos que durante a análise trazem de volta traumas psíquicos da infância, obedecem à compulsão à repetição, não estando a serviço da realização de desejo. A teoria do trauma e a teoria das pulsões, que a substituiu desde que a teoria da sedução fora abandonada em 1897, são agora conciliadas sob uma nova perspectiva, dentro de um novo quadro conceitual. As pulsões não pertencem ao tipo dos processos nervosos vinculados, mas sim ao de processos livremente móveis, que pressionam no sentido da descarga. “Portanto, a tarefa das camadas superiores do aparelho psíquico seria justamente enlaçar e atar a excitação das pulsões que chegam ao processo primário” (Freud, 1920, p. 158). Caso a tarefa de ligação fracasse, ocorre algo semelhante à neurose traumática. As observações baseadas nas histórias de vida de seus pacientes, em seu comportamento e na transferência, levam Freud a supor que as manifestações da compulsão à repetição “não só exibem um caráter altamente pulsional, como também – quando se opõem ao princípio de prazer – apresentam até mesmo um caráter ‘demoníaco’” (p.159). Perguntando-se sobre a relação do pulsional com a compulsão à repetição, Freud chega a uma formulação que subverte totalmente o conceito anterior apresentado em *Pulsões e destinos de pulsão*, pois a pulsão é agora expressão da natureza conservadora dos seres vivos e não mais o fator que pressiona rumo à mudança e ao desenvolvimento.

Mas, então, qual é a natureza da relação entre o que é pulsional e a compulsão a repetir? Nesta altura, talvez estejamos na pista certa para encontrar uma característica universal das pulsões – ou até mesmo da vida orgânica em geral – a qual creio que até hoje ainda não foi claramente reconhecida ou pelo menos não devidamente destacada. *Uma pulsão seria, portanto, uma força impelente [Drang] interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas. Trata-se, portanto, de uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferirmos, da manifestação da inércia na vida orgânica* (Freud, 1920, p.160).

Além disso, como assinala Loewald (*apud* Scarfone, 2005, p.86), no artigo metapsicológico de 1915, era o aparelho psíquico que deveria livrar-se das pulsões, obedecendo aos princípios reguladores (de prazer, de constância ou de inércia), enquanto que no ensaio de 1920, as próprias pulsões manifestam o princípio de constância ao invés de desencadeá-lo. Pode-se dizer, portanto, que não é tanto o princípio de prazer que preocupa Freud quando ele trata da compulsão à repetição, e sim a busca de uma nova definição geral da pulsão e a introdução da noção de pulsão de morte. Na compulsão à repetição, ele vê a manifestação da força do recalcado, considerada mais original e elementar, mais pulsional, do que o princípio de prazer que ela afasta.

Com a noção de pulsão de morte, a meta da pulsão é pensada de maneira ampliada, ou seja, não apenas como procura imediatista de um momento de suspensão dos estímulos, da pressão, mas assumindo a forma plena de desejo de morte, de total cancelamento da tensão.

Se não se pode afirmar que a Pulsão de Morte foi uma concepção sempre presente em Freud, a idéia que lhe está por trás sempre esteve colocada, ainda que de forma restrita, pela noção de *Befriedigung* (entendida como um estado de cancelamento das necessidades orgânicas). Entretanto, nas formulações após 1920, a *Befriedigung* corresponderá ao estado propiciado pelo Princípio de Nirvana (estado de quietude absoluta, extinção de todas as pulsões de vida). Amalgamada a Eros, a Pulsão de Morte atua então no sentido de 'conduzir a inquietação da vida para a estabilidade do estado inorgânico' (Hanns, 1999, p.149).

Ao introduzir o novo par de opostos, pulsão de vida/pulsão de morte, Freud se depara, portanto, com a dificuldade de conciliá-lo à teoria pulsional anterior. Em um primeiro momento, as pulsões de autoconservação, que na primeira teoria das pulsões opunham-se às sexuais, são integradas à pulsão de morte e passam a caracterizar a maneira própria de morrer que define cada espécie viva.

À luz de nossa nova hipótese sobre a pulsão de morte, veremos que o papel dessas pulsões causará certo estranhamento. Afinal, ao postularmos para todo o ser vivo a existência das pulsões de autoconservação, colocamo-nos em flagrante oposição ao pressuposto de que o conjunto da vida pulsional visa a conduzir à morte. À luz dessa hipótese sobre a morte, desaparece a importância teórica tanto das pulsões de autoconservação como das pulsões de apoderamento e de autoafirmação. Diremos então que todas elas são apenas pulsões parciais, cuja função é assegurar ao organismo seu próprio caminho para a morte e afastá-lo de qualquer possibilidade – que não seja imanente a ele mesmo – de retornar ao inorgânico. (...) Deriva-se também daí que o organismo não queira morrer por outras causas que suas próprias leis internas. Ele quer morrer à sua maneira, e, assim, também essas pulsões que preservam a vida na verdade foram originalmente serviços da morte (Freud, 1920, p.162).

Para ilustrar o grupo das pulsões sexuais Freud toma de empréstimo da

biologia o exemplo do comportamento da célula germinal que se funde a outra célula germinal de um ser do sexo oposto, garantindo uma imortalidade potencial. Freud afirma que, dessa forma, elas são conservadoras no mesmo sentido que as pulsões de morte, já que

visam à volta a estados arcaicos da substância viva; mas, de outro ponto de vista, elas são ainda mais conservadoras, já que se mostram particularmente resistentes às forças externas. Além disso, também são conservadoras em um sentido bem mais amplo, na medida em que preservam a vida por períodos mais longos. São elas as verdadeiras pulsões de vida, elas trabalham contra as outras pulsões que têm por função conduzir à morte, o que mostra que entre esses dois grupos há uma oposição que, aliás, a teoria das neuroses já há muito tempo reconheceu como sendo muito significativa (Freud, 1920, p.163).

Um pouco mais adiante no texto, contudo, Freud (1920, p.173-4) retifica-se para ver na conservação do indivíduo um caso particular das pulsões de vida. Cabe lembrar que entre a primeira e a segunda teoria pulsional, Freud introduziu a teoria do narcisismo, cuja novidade é conceber o Eu como parte do “rol de objetos sexuais” e como “o principal desses objetos”. Freud acentua assim o caráter libidinal das pulsões de autoconservação e identifica a pulsão sexual com Eros. Portanto, se as pulsões sexuais são as continuadoras da vida, as de autoconservação também devem ser postas a seu lado sob a égide de Eros, cuja função é criar cada vez mais vínculos, unificar, lutar contra a tendência de desvinculação dos laços libidinais empreendida pela pulsão de morte, à qual Freud postulou o princípio de nirvana<sup>24</sup>. A pulsão sexual passa por uma importante mudança em relação ao modelo anterior, ou seja, agora ela passa a ser a manifestação fenomênica de um princípio mais profundo, a tendência à ligação.

[O] sexual é modificado. Sendo uma parte do ‘grande princípio unificador’ sob a égide de Eros, ele parece ter perdido seu lado ‘demoníaco’: por meio do investimento libidinal de si (narcisismo), é responsável pela autoconservação, embora desse mesmo reservatório libidinal partam os investimentos eróticos de objeto. Daí em diante, portanto, a libido apresenta-se muito mais como um ‘instinto de vida’ do que como a ‘pulsão’ subversiva da antiga teoria. É verdade que, nesse meio tempo, o demoníaco deslocou-se para o lado da compulsão à repetição e seu substrato, a pulsão de morte (Scarfone, 2005, p.91).

Neste sentido, as pulsões de vida e de morte passam a refletir os movimentos essenciais de ligação e desligamento evidenciados pela teoria do narcisismo. Pulsão de vida e pulsão de morte assumem, assim, um caráter não

<sup>24</sup> Em *O problema econômico do masoquismo*, Freud distingue dois princípios de natureza reguladora: a tendência à descarga e à redução de estimulações a um nível zero – Princípio de Nirvana, expressão da pulsão de morte – e a tendência de manter a estimulação no nível mais baixo possível – Princípio de Prazer, expressão da libido. Cf. Freud, 1924, p.106.

empírico, mas transcendental, manifestando, respectivamente, a tendência à ligação e ao desligamento. A partir de 1920, a pulsão também é generalizada a todo ser vivo, enquadrando-se em um princípio universal. Mas Freud alerta que esses processos nunca operam de forma pura, mas misturados em várias proporções. Enquanto a energia da pulsão de vida é a libido, a pulsão de morte não possui um termo análogo que defina uma energia específica. Ela opera em silêncio, só chamando a atenção quando é desviada para fora, enquanto pulsão de destruição<sup>25</sup>. Como a pulsão de morte opera em silêncio e não possui energia própria, Freud introduz a idéia de fusão das pulsões, indicando que a pulsão de morte só se pode fazer conhecer através de sua fusão com Eros.

É verdade que nos falta toda e qualquer compreensão fisiológica em relação aos caminhos e aos meios que permitem à libido amansar e domar a pulsão de morte, mas, no âmbito psicanalítico, temos de supor que, de algum modo, os dois tipos de pulsão sempre são amplamente misturados e amalgamados em variadas proporções. Assim, não teríamos pulsões de morte ou de vida puras, mas apenas combinações de diversas magnitudes (Freud, 1924, p.110).

Segundo Laplanche (1986) fusão e des fusão<sup>26</sup> são termos usados por Freud para descrever as relações entre as pulsões de vida e de morte tal como se traduzem de forma concreta. A fusão consiste em uma mistura das duas pulsões em proporções variadas e sua contrapartida é dada pela des fusão, que consiste na separação das pulsões anteriormente combinadas. Depois de 1920, os processos psíquicos são pensados como movimentos pulsionais fusionados. Na clínica, não se trata da satisfação dirigida à morte, mas da satisfação possível, obtida pela ação combinada das pulsões em conflito. Além disso, as pulsões de vida e morte não são restritas a uma região específica da mente, são encontrados em toda parte. Enquanto na primeira teoria pulsional a relação entre pulsão e representação não é problematizada, já que toda pulsão se representa no psiquismo por afeto e representação, na segunda teoria pulsional, o id é formado por pulsões desprovidas de representação e todo o processo de fusão entre pulsão de vida e de morte (como uma pulsão se vincula a uma representação) se dá em termos de um processo que pode ser bem ou mal sucedido, conforme as pulsões vão ou não ligar-se e desligar-se.

A revisão imposta à teoria das pulsões é, como vemos, radical. Onde antes se de frontavam uma sexualidade de base orgânica e sediada no inconsciente, e uma

---

<sup>25</sup> Essa é, aliás, uma necessidade, pois conter a agressividade provoca um represamento da pulsão agressiva no ego, que uma vez ali fixada opera autodestrutivamente.

<sup>26</sup> O sadismo e o masoquismo são exemplos da fusão de Eros e agressividade, enquanto a ambivalência da neurose obsessiva é um exemplo de des fusão pulsional.

perseveração na existência também de base orgânica mas localizada no ego, surgem agora dois princípios transcendentais, a Repetição e a Ligação, fundando respectivamente as pulsões de morte e as pulsões de vida. A postulação destes princípios obedece apenas longinquamente a considerações de origem empírica, mas sua aceitação, ainda hesitante em *Além do Princípio de Prazer*, não será mais discutida a partir das obras seguintes. A fundação da Psicanálise sobre eles impõe uma revisão ampla do esquema teórico mobilizado para dar conta dos fenômenos clínicos, verificando-se o seu impacto sobre a metapsicologia, sobre a teoria sexual, sobre a concepção da neurose e por fim sobre a própria compreensão dos limites colocados à eficácia da terapia (Mezan, 1982, p.268).

O conceito de pulsão de morte, como já foi dito, foi recebido pela comunidade analítica com muitas ressalvas. A grande maioria da psicanálise pós-freudiana não adota o conceito, ao menos tal como Freud o concebeu, enquanto uma tendência inata e universal. Entretanto, os efeitos patológicos atribuídos à pulsão de morte nunca deixaram de intrigar os analistas, e muito da reflexão clínica atual diz respeito justamente ao papel da destrutividade, sobretudo nos pacientes não-neuróticos. Um dos primeiros analistas a abordar as manifestações da pulsão de morte na clínica, oferecendo uma alternativa à idéia original do conceito, foi Sándor Ferenczi, cuja influência para a psicanálise contemporânea é, hoje, incontestavelmente reconhecida.

## 2.5

### **Além da pulsão de morte: a compulsão à repetição em Ferenczi**

Até o presente momento, a exposição se ateu às transformações da teoria das pulsões no plano teórico interno à conceitualização freudiana, mas, levando-se em conta o objetivo inicial de pensar as articulações possíveis entre teoria pulsional e teoria da relação objetal, cabe agora examinar a repercussão da virada de 1920 sobre os discípulos de Freud e sobre a clínica. O momento da virada é também o momento em que se pode localizar o germe das discussões que, décadas depois, provocariam verdadeiras cisões no campo psicanalítico.

Em 1920, a psicanálise enquanto movimento institucional já adquirira uma maior autonomia, não dependendo exclusivamente de seu fundador, permitindo que Freud, em seus últimos anos de vida, se dedicasse à atividade especulativa que tanto lhe era cara. Naquela época, pouco escreveu sobre técnica. Em realidade, como lembra Green (1990, p.21), Freud não produzia trabalhos voltados para o manejo da clínica desde 1914 e, quando retomou a questão em *Análise terminável e interminável*, em 1937, só fez coro à decepção de sua *entourage* ao identificar na combinação da repetição com a destrutividade um oponente praticamente invencível para o êxito clínico.

As mais novas descobertas de Freud causaram, portanto, um grande mal-estar em relação às perspectivas terapêuticas e a comunidade analítica reagiu como se estivesse diante de uma sentença de morte, pois para eles, muito mais do que para Freud, o sucesso da teoria estava intrinsecamente ligado à terapêutica. Assim, a partir dos remanejamentos articulados por Freud em 1920, questões mais técnicas ocuparam os analistas que se perguntavam como ultrapassar a compulsão à repetição e dar continuidade ao trabalho analítico. Na busca de respostas, os discípulos de Freud, sobretudo Ferenczi, deslocaram o predomínio do ponto de vista tópico-estrutural para uma visão histórico-genética da origem da patologia.

Ferenczi lutava menos contra idéias do que contra analisandos siderados em seu sofrimento. A maneira como ele compreendeu a compulsão à repetição o conduziu a interpretar a transferência como 'pura' repetição, a saber, como reprodução de traumas da infância, traumas bem diferentes daqueles que Freud havia descoberto, pois para ele não se tratava de sedução, mas de violação (psíquica); ou pela confusão de línguas, de subordinação por excesso de demandas parentais, ou ainda de privação de amor, por desconhecimento das necessidades da criança, ou enfim de paralisia psíquica por sideração devida ao desespero. *Em suma, o que está em jogo aqui não é mais o destino da libido, mas simplesmente a asfixia da vida psíquica* (Green, 1990, p.28, grifos meus).

O que interessa nesse momento é examinar, tanto nos textos de Ferenczi publicados em vida, como nas notas póstumas, os indícios de seu distanciamento das orientações de Freud em relação à pulsão. É meu objetivo mostrar que com Ferenczi se inaugura uma clínica centrada nas relações precoces do Eu com seus objetos primários, abrindo caminho para a teoria da relação de objeto.

Em 1913, Ferenczi havia introduzido a idéia de uma tendência à inércia em seu artigo sobre o desenvolvimento do princípio de realidade e seus estados (sem dúvida o primeiro artigo que se escreveu sobre o desenvolvimento do Eu, dirá Balint<sup>27</sup>). A tendência para a inércia ou para a regressão dominaria a vida orgânica, contrapondo-se à tendência para a evolução e para a adaptação que, por sua vez, dependeria de estímulos externos. Neste artigo, Ferenczi afirma que o princípio de prazer atuaria já na vida intra-uterina, através da experiência de onipotência do feto, decorrente de "ter tudo o que se quer e de não ter mais nada a desejar", o sentido de realidade, por sua vez, seria imposto no momento em que o recém-nascido é 'expulso' ao mundo. Segundo Ferenczi, a situação de onipotência não é forçosamente de imediato abandonada caso o meio cumpra

---

<sup>27</sup> Cf. Balint, 1992, p. XI.

uma função conciliadora.

Se a criança é tratada com amor, não será obrigada, mesmo nesse estágio de sua existência, a abandonar sua ilusão de onipotência. Ainda lhe basta figurar simbolicamente um objeto para que a coisa (considerada como animada) ‘venha’ até ele, de fato, num grande número de casos; sem dúvida, é essa a impressão que a criança tem nessa fase de pensamento animista, quando seus desejos são satisfeitos. Entretanto, a incerteza quanto ao aparecimento da satisfação faz com que pressinta, pouco a pouco, que também existem forças superiores, ‘divinas’ (mãe ou ama-de-leite), cujas boas graças é preciso conquistar para que a satisfação se siga prontamente ao gesto mágico. Entretanto, a satisfação obtém-se com facilidade, sobretudo com um meio particularmente conciliador (Ferenczi, 1913, p.47).

A criança continua apegada ao sentimento de onipotência até que as condições para a realização de suas vontades crescem em número e grau, obrigando-a a reconhecer a realidade. O processo de renúncia à satisfação e de acomodação ao mundo exterior foi tornado possível pela criação de uma rede de conexões simbólicas entre a vida pulsional e o mundo exterior, passando por uma apreensão animista da realidade.

No entanto, a forma como Ferenczi e Freud trataram da tendência à inércia em seus respectivos trabalhos não foi exatamente a mesma. Nota-se que Ferenczi concede, já nessa época, um papel importante ao meio ambiente, fazendo com que a tônica de suas reflexões recaia sobre a relação do sujeito com o objeto. Em 1924, após *Além do princípio de prazer*, portanto, Ferenczi publica sua ficção bioanalítica, *Thalassa*, trabalho que tem como idéia central as propostas de Freud a respeito da natureza conservadora e regressiva das pulsões. Sabe-se pela correspondência entre os dois homens que ambos pretendiam empenhar-se em um projeto sobre Lamarck<sup>28</sup>, ao qual Freud acaba por renunciar em 1917<sup>29</sup>. Ferenczi, no entanto, parece ter dado prosseguimento à empreitada, sendo *Thalassa* o resultado das trocas de ambos a respeito da relação entre a ontogênese e a filogênese na transmissão da memória da espécie. Neste ensaio de 1924, embora Ferenczi não se oponha às hipóteses de Freud em *Além do princípio de prazer*, já se pode perceber um desacordo em

<sup>28</sup> “[O] psicanalista sente-se mais atraído pelo modo de pensar de Lamarck, mais centrado na psicologia na medida em que reconhece igualmente um papel para as tendências e os movimentos pulsionais na filogenia, ao passo que o grande naturalista britânico [Darwin] coloca tudo na dependência da mutação, logo, em última análise, do acaso. A concepção darwiniana também pouco explica essa repetição das formas e dos modos de funcionamento antigos nos novos produtos da evolução, repetição que se reencontra por toda a parte na natureza. Com toda probabilidade, essa concepção rejeitaria a noção de regressão, que não pode ser dispensada pela psicanálise” (Ferenczi, 1924, p.292).

<sup>29</sup> Em 27 de dezembro de 1917, Freud escreve a Ferenczi: “Mas eu não consigo me decidir pelo [trabalho sobre] Lamarck. É talvez como para os nobres poloneses no momento de pagar: ‘nenhum dos dois aceitando que o outro pagasse por ele, nenhum dos dois pagou’” (Brabant et al (ed), 1996, p. 283).

relação ao postulado freudiano da hegemonia da pulsão de morte no psiquismo.

[D]everíamos abandonar definitivamente o problema do começo e do fim da vida e imaginar todo o universo orgânico e inorgânico como uma oscilação perpétua entre pulsões de vida e pulsões de morte, em que tanto a vida quanto a morte jamais conseguiria estabelecer sua hegemonia (Ferenczi, 1924, p.325).

Em uma primeira análise, Ferenczi pode ser considerado um autor que trabalha com o conceito de pulsão de morte, diferente de seus herdeiros (Winnicott e Balint, por exemplo) que o aboliram de sua teoria e prática. Mesmo em Ferenczi, no entanto, o uso do conceito de pulsão de morte parece sofrer uma modificação significativa. Assim, quando Freud deu o passo definitivo rumo à dualidade pulsional entre vida e morte, Ferenczi parecia recuar não apenas diante da hegemonia da última em relação à primeira, como queria Freud, mas, sobretudo diante da hipótese constitucional da pulsão de morte. Além da retomada da teoria do trauma em seus trabalhos dos anos trinta, percebe-se também, através de suas notas póstumas, como pouco a pouco ele chega a eliminar a pulsão de morte da dinâmica psíquica, substituindo-a por tendências de vida não completamente opostas. Só existiriam pulsões de vida<sup>30</sup>.

Em *O problema da afirmação do desprazer*, de 1926, Ferenczi retoma as idéias introduzidas no trabalho sobre o desenvolvimento do princípio de realidade e seus estados, à luz das descobertas de Freud sobre a negação. Neste artigo, Ferenczi afirma que a distinção entre as coisas boas e más, entre o ego e o meio ambiente, o interior e o exterior, só se estabelecerá mais tarde; estranho e hostil seriam idênticos nessa primeira etapa. Assim, quando uma criança que sempre foi apaziguada no momento certo sofre o desprazer da fome e da sede, ocorreria uma espécie de desinترicamento pulsional na vida psíquica, manifestado por descarga motora descoordenada e choro. O próximo reencontro com o seio será marcado por esse desprazer, modificando a relação.

[O] seio materno passa agora a ser um *objeto de amor e de ódio*; de ódio porque se foi obrigado a passar sem ele durante um certo tempo, de amor porque depois dessa privação ele lhe propiciou uma satisfação ainda mais intensa; mas, de toda maneira, torna-se a matéria de uma *representação de objeto*, ainda muito vaga, sem dúvida (Ferenczi, 1926, p.397).

A percepção do objeto e, concomitantemente, a gênese do Eu estão, portanto, em relação direta com o desinترicamento pulsional face ao objeto primordial. Mais adiante, no mesmo artigo, ele afirma:

Certos organismos primitivos parecem ter permanecido no estágio narcísico;

<sup>30</sup> "Nothing but life instincts. Death-instinct, a mistake (Pessimistic)" (Ferenczi *apud* Dupont, 1998).

aguardam passivamente a satisfação de seus desejos e se esta lhes for constantemente recusada, eles morrem – pura e simplesmente; encontram-se ainda tão próximos do ponto de emergência para fora do inorgânico que sua pulsão de destruição tem muito menos caminho a percorrer para a ele retornar e mostra-se, portanto, muito mais eficaz. Num estágio mais evoluído, o organismo é capaz de rejeitar partes de si mesmo que constituem para ele fontes de desprazer e de salvar assim sua própria vida (autotomia<sup>31</sup>); essa espécie de ‘seqüestro’ pareceu-me ser outrora o protótipo fisiológico do processo de recalçamento. É preciso esperar uma outra etapa do desenvolvimento para ver surgir a faculdade de adaptação à realidade, espécie de reconhecimento orgânico do mundo exterior que é manifesto no modo de vida dos seres que vivem em simbiose, mas igualmente em todo ato de adaptação (Ferenczi, 1926, p.400).

Na passagem citada duas idéias necessitam menção: a primeira é a afirmação de que o frágil organismo sucumbe ao estado inorgânico do qual recém emergiu, caso o ambiente não satisfaça suas necessidades básicas. A segunda diz respeito ao mecanismo de defesa, passível de se desenvolver num momento posterior, que consiste em expelir, cindir partes de si mesmo, como estratégia de sobrevivência face a uma ameaça de perigo iminente. Ambas as afirmações estão interligadas e serão amplamente desenvolvidas nos trabalhos subseqüentes de Ferenczi. A primeira está relacionada à sua compreensão da pulsão de morte e a segunda se insere em suas reflexões sobre o trauma.

Proponho adotar essas duas linhas de desenvolvimento, a da pulsão de morte e a do trauma, em conjunto para compreender a contribuição de Ferenczi à teoria das pulsões e mostrar como sua posição abre caminho para a teoria das relações de objeto. Assim, no artigo intitulado *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929), Ferenczi dá seguimento à reflexão sobre a força da pulsão de destruição no início da vida, questionando a concepção freudiana de um funcionamento autônomo e inexorável dos fenômenos vitais, como um emaranhado de manifestações de duas pulsões básicas, a de vida e a de morte, não subordinado às relações intersubjetivas que constituem a história de vida de cada um. Para tanto, parte da observação de pacientes com tendências suicidas e, mais especificamente, da análise retrospectiva de dois casos de espasmo da glote infantil, interpretando-os como tentativas de suicídio por auto-estrangulamento. Para ele, crianças mal-acolhidas, ou seja, recebidas com rudeza e sem carinho, captam de forma consciente e inconsciente os sinais de aversão do meio e sua vontade de viver se quebra. “Morrem facilmente e de bom grado”, mas, se sobrevivem, são acompanhadas por um desprazer e

---

<sup>31</sup> A autotomia é um modo de reação através do qual o animal desprende de seu corpo, ou seja, ‘deixa cair’, os órgãos que estiverem submetidos a uma irritação excessiva. Este seria o modelo biológico do recalçamento; a fuga psíquica diante dos sentimentos demasiado intensos de desprazer.

pessimismo em relação à vida. Ferenczi notou em muitos desses casos manifestações de impotência sexual, disposição para resfriados e até mesmo uma queda noturna de temperatura muito acentuada e sem explicação orgânica. Tais casos, nos quais o gosto pela vida é tão precocemente perdido, seriam semelhantes aos daqueles pacientes que, segundo Freud, “sofrem de uma fraqueza congênita de sua capacidade para viver, com a diferença, porém, de que *nos* nossos casos o caráter congênito da tendência mórbida é simulado, em virtude da precocidade do trauma” (Ferenczi, 1929, p.50, grifos meus).

[N]o início da vida, intra e extra-uterina, os órgãos e suas funções desenvolvem-se com uma abundância e uma rapidez surpreendentes – mas só em condições particularmente favoráveis de proteção do embrião e da criança. (...) A ‘força vital’ que resiste às dificuldades da vida não é, portanto, muito forte no nascimento; segundo parece, ela só se reforça após a *imunização progressiva* contra os atentados físicos e psíquicos, por meio de um tratamento e uma educação conduzidos com tato (Ferenczi, 1929, p.50, grifos meus).

Segundo Ferenczi, o pequeno sujeito que acaba de vir ao mundo encontra-se muito próximo do “não-ser individual” e, deslizar novamente para tal estado, poderia, no caso da ausência da “imunização” do meio, acontecer de modo muito mais fácil do que com um adulto. O ponto chave aqui é o termo imunização que mostra como Ferenczi se distancia de uma hipótese constitucional para valorizar o ‘tato’ do meio ambiente. É em 1928, no artigo *Elasticidade da técnica psicanalítica*, que o conceito de tato é mais bem trabalhado. “O tato é a faculdade de ‘sentir com’ (*Einfühlung*)” (Ferenczi, 1928b, p.27). Ferenczi desvincula essa noção de um caráter místico ou puramente intuitivo, trata-se simplesmente de uma capacidade psicológica, empática, de se colocar no mesmo diapasão da criança (ou do paciente) e sentir com ele todos os seus caprichos e humores. No tratamento de tais casos, o analista permite ao paciente “desfrutar pela primeira vez a irresponsabilidade da infância, o que equivale a introduzir impulsos *positivos* de vida e razões para se continuar existindo” (Ferenczi, 1929, p.51). Daí pode-se tirar uma primeira conclusão, ou seja, a pulsão de vida, enquanto tendência erótica e força vital, embora parte integrante do ser humano, só cumpre sua função caso o ambiente favoreça sua dinamização. Pode-se pensar que o mesmo se aplica à pulsão de morte, a falha na imunização corresponderia a um recrudescimento da tendência ao inorgânico. Ambas as tendências dependeriam das primeiras relações do indivíduo com o meio circundante e não estariam ligadas à constituição<sup>32</sup>.

<sup>32</sup> “A criança recém-nascida utiliza toda a sua libido para o seu próprio crescimento, e é necessário até dar-lhe libido para que possa crescer normalmente. A vida normal começa,

Como já foi salientado, Ferenczi fazia parte dos analistas que reagiram em contra-ataque ao pessimismo terapêutico que passou a dominar cada vez mais a psicanálise a partir da virada de 1920. Foi ele, em realidade, seu maior combatente, sendo a preocupação com a clínica e com os resultados terapêuticos um tema onipresente em seus escritos. Foi um obstinado em acreditar poder o psicanalista oferecer-se como capaz de entender a dor do paciente. De fato, no exercício da psicanálise, afirmava que, se um paciente comparecesse regularmente às sessões, o analista deveria encontrar técnicas para ajudá-lo. Esse princípio levou-o a procurar satisfazer, ao máximo, as expectativas de seus pacientes, através de inovações técnicas, muitas vezes discutíveis<sup>33</sup>. Concebeu a 'técnica ativa' para solucionar a estagnação do processo analítico, criticou-a, insistiu em uma 'elasticidade da técnica', engendrou o que chamou 'princípio de relaxamento e neocatarse', tentou uma 'análise mútua' e aceitou em sua clínica pacientes considerados não-analisáveis por outros analistas. Não é, portanto, sem fundamento o que os contemporâneos dele diziam: salvador dos fracassos dos outros e especialista dos casos limites. A preocupação do analista húngaro com a cura é realçada por Granoff (*apud* Pinheiro, 1995) que afirma: “[s]eu desejo de curar condicionou sua experiência prática. A prática levou-o a descobertas técnicas. Sua teoria é a justificação destas” (p.117). Portanto, na medida em que Ferenczi ia desenvolvendo suas conhecidas inovações técnicas, munido do *furor sanandi* que lhe era peculiar, sua teorização também se modificava, distanciando-se da de Freud.

Ainda que Ferenczi não tenha tido consciência, seu ponto de vista implicava uma modificação importante da metapsicologia freudiana: segundo Freud, o princípio do prazer procurava *um equilíbrio no seio do aparelho psíquico*, ao passo que Ferenczi interessava-se principalmente pelo *equilíbrio entre o indivíduo e seu meio cambiante*. Tal deslocamento tinha conseqüências sobre a maneira de interpretar a tendência fundamental da vida. Parafrazeando Fairbairn, que substituiu a visão freudiana da *libido em busca do prazer* pela fórmula da *libido em busca do objeto* (Fairbairn, 1941, 1944), poderíamos resumir o ponto de vista de Ferenczi dizendo que a *libido está à procura de símbolo* (Bonomi, 2003, p.174).

O desenvolvimento de sua teoria do trauma, e a conseqüente revalorização do objeto, levaram-no a questionar o ponto de vista econômico tal qual pensado por Freud, o equilíbrio energético entre as pulsões de vida e de morte, acabando por conduzi-lo a uma nova concepção global do psiquismo.

---

portanto, por um amor de objeto passivo, exclusivo. Os bebês não amam, é preciso que sejam amados” (Ferenczi, 1932, p. 236).

<sup>33</sup> “Ferenczi, tanto como analista quanto como analisando, teve a experiência da insuficiência das técnicas chamadas clássicas em face de um certo tipo de problema. (...) Para os seus pacientes, esforça-se por inventar o que teria desejado que Freud inventasse para ele. Procura oferecer-lhes a compreensão e o crédito que não pôde obter de Freud” (Dupont, 1985, p.26).

Nesse sentido, Ferenczi não estaria apenas chamando atenção para um caso particular que escapa à psicanálise clássica. Ao reavaliar o fator traumático de casos graves, ele também está reavaliando, à sua maneira, a constituição do psiquismo. Ao generalizar a existência dos efeitos do trauma, propondo ao mesmo tempo uma forma relativamente nova de compreensão do aparelho psíquico, ele reformula em parte a metapsicologia de Freud. O conceito de trauma ganha relevo, pouco a pouco, ao longo da obra de Ferenczi, embora seja melhor elaborado na fase final de sua vida, nos anos de 1930. Pode-se dizer que uma soma de fatores, tais como seu estado crítico de saúde, o excesso de preocupação com o cotidiano da clínica e a desaprovação de Freud impediram Ferenczi de formalizar e desenvolver plenamente suas idéias e intuições.

Sabe-se que as idéias desenvolvidas por Ferenczi no final de sua vida não foram bem aceitas por Freud que, chocado, pediu inclusive a não publicação do artigo *Confusão de língua entre os adultos e a criança*, apresentado no congresso de Wiesbaden, em 1932. De fato, Freud mostrou-se profundamente decepcionado com o amigo, colega e discípulo, pedindo que ele reconsiderasse suas posições e que evitasse mesmo editar artigos por certo tempo<sup>34</sup>. Neste artigo de 1932, Ferenczi dá especial relevo à questão do trauma indo contra “explicações apressadas, invocando a predisposição e a constituição” (Ferenczi, 1933, p.97).

[N]unca será demais insistir sobre a importância do traumatismo e, em especial, do traumatismo sexual como fator patogênico. (...) A objeção, a saber, que se trataria de fantasias da própria criança, ou seja, mentiras históricas, perde lamentavelmente sua força, em consequência do número considerável de pacientes, em análise, que confessam ter mantido relações sexuais com crianças (Ferenczi, 1933, p.101).

O discípulo e colega de Freud via no trauma um fator exógeno, modificando o psiquismo. Para ele, a cena traumática é, na verdade, uma confusão de línguas, ou seja, refere-se à má compreensão de manifestações eróticas da criança, tomando-as como análogas às manifestações da sexualidade adulta. E afirmava que, enquanto as primeiras permanecem sempre no nível da ternura, as manifestações adultas encontram-se no nível genital, da paixão.

---

<sup>34</sup> “Não acredito mais que você se corrija, como eu me corriji uma geração mais cedo... Nos últimos dois anos, você se distanciou sistematicamente de mim... Acredito estar objetivamente em condições de lhe mostrar o erro teórico em sua construção, mas de que adianta? Estou convencido de que você se tornou inacessível a qualquer reconsideração” (Freud *apud* Dupont, 1985, p.17).

[U]m adulto e uma criança amam-se; a criança tem fantasias lúdicas, como desempenhar um papel maternal em relação ao adulto. O jogo pode assumir uma forma erótica mas conserva-se, porém, sempre no nível da ternura. Não é o que se passa com adultos que tiveram tendências psicopatológicas, sobretudo se seu equilíbrio ou seu autodomínio foram perturbados por qualquer infortúnio, pelo uso de estupefacientes ou de substâncias tóxicas. Confundem as brincadeiras infantis com os desejos de uma pessoa que atingiu a maturidade sexual, e deixam-se arrastar para a prática de atos sexuais sem pensar nas conseqüências (Ferenczi, 1933, pp.101-2).

A interpretação confusa desses dois níveis eróticos provoca a confusão na criança. Para Ferenczi, essa confusão é traumática e patológica porque põe em risco o projeto identificatório do sujeito. O adulto, enquanto suporte mediador entre a criança e o mundo, deve ser depositário de uma confiança absoluta. Ao confundir a ternura da criança com o erotismo genital adulto, o adulto trai essa confiança. Mas o que é realmente traumático para Ferenczi é a negação, o desmentido do fato. Desse modo, compromete-se o processo da introjeção, pois no lugar da introjeção do objeto idealizado situa-se a incorporação do adulto enquanto o que violenta e invade, e não enquanto o que ama e acolhe. A esse processo Ferenczi chamou de *desmentido*, a *paixão* desmentindo a *ternura*.

Para Ferenczi não se tratava apenas de sedução, mas de violação (psíquica) pelo excesso de demanda ou privação de amor parental. O total desconhecimento das necessidades da criança provocaria, assim, “paralisia psíquica por sideração devida ao desespero” (Green, 1990, p.28). O efeito do trauma será análogo a um golpe devastador no psiquismo. A culpa experimentada pelo adulto é assumida pela criança, pela via da identificação ao agressor, na busca de preservar o adulto enquanto modelo.

As crianças sentem-se física e moralmente sem defesa, sua personalidade é ainda frágil demais para poder protestar (...). Mas esse medo, quando atinge seu ponto culminante, obriga-as a submeter-se automaticamente à vontade do agressor. Por identificação, digamos, por introjeção do agressor, este desaparece enquanto realidade exterior, e torna-se intrapsíquico (...). Seja como for, a agressão deixa de existir enquanto realidade exterior e estereotipada, e, no decorrer do transe traumático, a criança consegue manter a situação de ternura anterior (Ferenczi, 1933, p.102).

Ferenczi refere-se, portanto, a uma clivagem que vem associada ao trauma<sup>35</sup>. O trauma passa a ocupar o lugar do não-representável, do que não

<sup>35</sup> Fairbairn (1943) desenvolve uma posição similar a respeito da clivagem. Para este autor, excessos precoces de ausência ou intrusão emocional do meio ambiente provocam uma série de cisões que são, em realidade, mecanismos de defesa objetivando preservar a ilusão da bondade dos pais enquanto figuras reais no mundo externo. A criança separa e internaliza os maus aspectos dos pais e tais traços tornam-se os maus objetos com os quais o ego se identifica (id. primária). Assim, a maldade é transferida para dentro dela; é ela a responsável pela falta de amor. O cerne deste mecanismo é adquirir segurança externa pagando um alto preço, com o sacrifício

pôde ser inscrito e, portanto, impedido de recalçamento, pois, através do desmentido, o adulto força a criança à não simbolização. É dessa agonia da vida psíquica que fala Ferenczi, na qual impera a imposição do sentido pelo agressor, conturbando a construção do Eu. O trauma não se limita, portanto, à imposição excessiva e violenta de uma excitação sexual prematura, ele se constitui na ausência de resposta do objeto a uma situação de mutilação do eu. Ferenczi retrata uma criança traumatizada, narcisicamente atingida na unidade de sua personalidade, que se tornou um adulto clivado. Nunca é demais insistir sobre o fato de que a parte clivada sobreviveria em segredo, privada da possibilidade de representação num modo neurótico, ou seja, simbólico. Em seu Diário Clínico, afirma que essa clivagem provoca “um estado de mimetismo que, tal como um reflexo condicionado, incita apenas a repetições” (Ferenczi, 1932, p. 259). Para Ferenczi, os adultos forçam na criança a entrada de seus conteúdos psíquicos de caráter desagradável e “esses estranhos transplantes clivados vegetam ao longo da vida na outra pessoa” (Ferenczi, 1932, p. 118).

Com Ferenczi, a teoria do trauma passa de considerações puramente quantitativas<sup>36</sup> – baseadas no campo da psicologia unipessoal – à consideração de eventos em uma relação de objeto – baseadas no campo da psicologia bipessoal. Assim, Ferenczi chega a uma constituição totalmente nova do psiquismo infantil e do campo clínico, abrindo caminho para o pensamento de Winnicott. Ferenczi, mais do que nenhum outro analista na época, soube reconhecer os efeitos mortíferos da pulsão de morte sublinhados por Freud, mas relutou em considerá-los uma tendência universal ligada à constituição. A causa era exógena, tais efeitos deveriam ser atribuídos ao conflito com o outro, à ausência de tato do meio ambiente.

É significativo que com Ferenczi se abra uma alternativa à teoria pulsional, onde é possível supor, em germe, uma teoria relacional que não cessará de se ampliar. A dimensão intersubjetiva supera a intrapsíquica. As mudanças do intrapsíquico são sempre consequência de efeitos intersubjetivos. Mas o que há entre dois sujeitos? O fracasso de Ferenczi é a revanche do intrapsíquico e a confirmação de que o ponto de vista de Freud não foi ultrapassado. Sem dúvida, é preciso chegar a uma nova concepção de sua articulação, para dar ao tratamento alguma chance de sucesso (Green, 2007, p.95).

---

da segurança interna, e, ao mesmo tempo, conservar a esperança de controle onipotente sobre a maldade. Estas relações objetivas internas são, para Fairbairn, o centro do reprimido.

<sup>36</sup> Os últimos adendos de Freud à teoria do trauma encontram-se em *Além do princípio de prazer* (1920) texto no qual, como já foi comentado, os excessos traumáticos são sempre libidinais e relativos ao desejo inconsciente e nunca falhas do ambiente. Seria injusto dizer que Freud não leva em conta o ambiente, ou o papel real dos primeiros objetos para a constituição da subjetividade e para a etiologia patológica, o que se quer ressaltar é que suas formulações acabam sempre privilegiando uma perspectiva que foca as mudanças internas ao aparelho psíquico.